



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

RAQUEL DOS SANTOS SOUSA DE OLIVEIRA

**DESAFIOS DA DOCÊNCIA EM CLASSES MULTISSERIADAS NA
EDUCAÇÃO DO CAMPO: Análise em uma Escola do Município de
Itaituba- Pará**

**ITAITUBA/ PA
2020**

RAQUEL DOS SANTOS SOUSA DE OLIVEIRA

**DESAFIOS DA DOCÊNCIA EM CLASSES MULTISSERIADAS NA
EDUCAÇÃO DO CAMPO: Análise em uma Escola do Município de
Itaituba- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

ITAITUBA/ PA
2020

OLIVEIRA. Raquel dos Santos Sousa de.

DESAFIOS DA DOCÊNCIA EM CLASSES MULTISSERIADAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Análise em uma escola do Município de Itaituba- Pará. . CLPL da FAI, 2020: CLPL da FAI, 2020.

Pag. 63

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba- Pará- BR-PA, 2020.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

- 1- Educação do Campo. Multisséries. Desafios. I CRUZ. Lucia Maria da Costa Cruz. II. Faculdade de Itaituba- FAI. Itaituba, BR- PA, 2020.

ACADÊMICA: RAQUEL DOS SANTOS SOUSA DE OLIVEIRA

**DESAFIOS DA DOCÊNCIA EM CLASSES MULTISSERIADAS NA EDUCAÇÃO
DO CAMPO: Análise em uma Escola do Município de Itaituba- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

Avaliador 1: _____ Nota: _____

Prof. Francisco Cláudio da Silva Sousa, Dr.

Avaliador 2: _____ Nota: _____

Prof.^a. Margaret Aguiar, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 13 de Janeiro de 2020.

Dedico esse momento mais que especial aos meus pais e meus irmãos, que me impulsionaram para que eu pudesse atingir meus objetivos. Ao meu esposo Marcelo Silva de Oliveira, pelo amor e por todo apoio que me disponibilizou durante minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por mais esta vitória concedida em minha vida; pois Ele sempre fez e tem feito maravilhas em todos os momentos de minha existência; principalmente nas dificuldades, nos obstáculos e nos desânimos, tenho o seu direcionamento, meu bem maior;

Agradeço à Faculdade de Itaituba, por contribuir com a base para minha escolarização e me preparar profissionalmente;

Aos meus pais, irmãos e amigos, que nunca deixaram de me motivar e sempre contribuíram para a realização do meu sonho;

Meus sinceros agradecimentos ao meu esposo, o qual o Senhor colocou em meu caminho para me apoiar, motivar e proporcionar forças e por fazer parte desta vitória, sempre ao meu lado;

Aos professores que estiveram a cada período transmitindo conhecimentos, incentivando a ir em frente, na busca dos meus sonhos, a me ensinarem a conquistar algo melhor em minha vida, a andar de cabeça erguida;

À professora Lucia Maria, que me orientou com muita paciência, carinho e dedicação, e por ter confiado em minha capacidade para que eu chegasse a realizar e este trabalho;

Ao professor Dr. Francisco Claudio, coordenador do curso de Pedagogia, por sua dedicação e assistência a todos;

Aos meus colegas de classe, em especial à Maria José Silva Haeser, Ana Carolina Bueno da Silva, Gresciane de Sousa Moraes e Lara;

A todos os que contribuíram nessa pesquisa, professores da EMEFI Rei Davi e aos que direta e indiretamente fizeram parte desta conquista o meu Muito Obrigada!

“Não basta saber ler que 'Eva viu a uva'. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”.

(Paulo Freire)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, foi desenvolvido em uma escola pública do município de Itatuba- Pará, e foi intitulado “Desafios da docência em classes multisseriadas na educação do campo”, através de uma pesquisa bibliográfica com teóricos que abordam o assunto como (BRASIL,1993); (CALDART, 2002); (FREIRE, 2000); (FREIRE, 2001); (LEITE, 1999); MANTOAN, 2006), dentre outros; e uma pesquisa de campo, com a abordagem qualitativa, no período do segundo semestre do mês de Setembro de 2019, cujos entrevistados foram professores que trabalham na referida instituição de ensino. As questões que norteadoras são: Quais são os desafios da docência com classes mutisseriadas na educação do campo?; A escola proporciona uma estrutura adequada para as turmas multisseriadas?; e Quais metodologias são utilizadas pelos professores para estas classes? O principal objetivo a ser alcançado, consiste em analisar os desafios do professor com classes multisseriadas. Para se chegar aos resultados, houve a análise e a coleta de dados, as discussões e comentários com algumas teorias e a conclusão de todo o trabalho, onde constatou- se realmente que os professores enfrentam dificuldades com as mutisséries, que incidem nos desafios ao trabalhar na escola do campo, com séries multisseriadas.

PALAVRAS- CHAVE: Educação do Campo. Multisséries. Desafios.

ABSTRACT

The present study was developed at a public school in the municipality of Itatuba-Pará and was entitled "Challenges of Teaching in Multi-Serial Classes in the Field Education", through a bibliographical research with theorists who approach the subject as BRASIL, 1993); (Caldart, 2002); (Freire, 2000); (Freire, 2001); (LEITE, 1999); MANTOAN, 2006), among others; and a field survey, with the qualitative approach, in the second semester of August 2019, whose interviewees were teachers who work in said educational institution. The guiding questions are: What are the challenges of teaching with multisite classes in rural education ?; Does the school provide an adequate structure for multi-grade classes?; and What methodologies are used by teachers for these classes? The main objective to be achieved is to analyze the challenges of the teacher with multi-series classes. In order to arrive at the results, the analysis and data collection, the discussions and comments with some theories and the conclusion of all the work, where it was verified that the teachers face difficulties with the mutisséries, that focus on the challenges in the work in the field school, with multi-series series.

KEY WORDS: Field Education. Multiseries. Challenges.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Quais os maiores desafios de trabalhar com classes multisseriadas?.....	45
QUADRO 02	As classes multisseriadas trazem benefícios para os alunos? Como?.....	47
QUADRO 03	Os currículos são trabalhados de forma adaptada ou unificada ou separadamente? Justifique sua resposta.....	48
QUADRO 04	Que metodologias são utilizadas nos trabalhos docentes?.....	49
QUADRO 05	Os Pais contribuem com a educação escolar dos filhos? Fale sobre.....	50
QUADRO 06	Que tipos de assistência Técnica- Pedagógica são oferecidas na escola ?	52
QUADRO 07	Trace o perfil do aluno do campo que estuda em turmas multisseriadas.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 CONTEXTO HISTÓRICO DA MULTISSÉRIE NA ESCOLA.....	14
1.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	14
1.2 A REALIDADE DAS CLASSES MULTISSERIADAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	20
1.3 A NECESSIDADE DA ORGANIZAÇÃO EM MULTISSÉRIE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	23
2 A ESCOLA COM CLASSES MULTISSERIADAS: DESAFIOS, LIMITES E POSSIBILIDADES.....	30
2.1 ADAPTAÇÃO CURRICULAR E AVALIAÇÃO DO ALUNO DO CAMPO.....	30
2.2 O PROFESSOR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM MULTISSERIADAS.....	34
2.3 PERFIL DO ALUNO DO CAMPO.....	48
3 DESAFIOS DA DOCÊNCIA EM CLASSES MULTISSERIADAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: ANÁLISE EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE ITAITUBA- PARÁ.....	43
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	43
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	43
3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES.....	44
3.5 PROPOSTAS DE INTERVENIÊNCIAS	54
CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICES	61

INTRODUÇÃO

O referido trabalho, intitulado “Desafios da docência em classes multisseriadas na educação do campo, foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica com teóricos que abordam o assunto como Brasil (1993); Caldart (2002); Freire (2000); Freire (2001); Leite (1999); Mantoan (2006), dentre outros; e uma pesquisa de campo, com a abordagem qualitativa, no período do segundo semestre do mês de Setembro de 2019; cujos entrevistados foram professores que trabalham na referida escola pública....

Na investigação qualitativa, configuram-se como parte integrante do material de análise, os contatos entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Brandão (2000, p. 8), e como tal “reclama uma atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, obrigando-o a colocar-se intensamente à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado”. Sobretudo, deve-se considerar os tons, ritmos e expressões gestuais que acompanham ou mesmo substituem a fala e isso exige tempo e esforço. É um estudo com características aparentemente simples; mas, quando disso depende a realização de uma pesquisa, precisa-se de cautela e atenção especial.

Para tanto, precisou-se de questões norteadoras como: Quais são os desafios da docência com classes multisseriadas na educação do campo?; A escola proporciona uma estrutura adequada para as turmas multisseriadas?; e Quais metodologias são utilizadas pelos professores para estas classes?

Quanto aos objetivos ao serem alcançados, consistem em: Analisar os desafios do professor com classes multisseriadas; Identificar as dificuldades e desafios da escola com classes multisseriadas; Verificar a adequação da estrutura escolar para o desenvolvimento integral para as classes multisseriadas e propor estratégias metodológicas para o ensino-aprendizagem das classes multisséries.

Para se chegar aos resultados, utilizou-se de recursos necessários como análise e coleta de dados relativos aos resultados das entrevistas que ocorreram através de questionários individuais, com seus devidos comentários, seguidos das propostas contribuintes e conclusão do trabalho. O mesmo foi estruturado em três capítulos, em que o primeiro trata sobre o Contexto histórico da multissérie na escola, com um pouco da história da educação do campo; a realidade das classes multisseriadas neste contexto e a organização da educação no campo.

O segundo capítulo aborda os desafios, limites e possibilidades da educação multisseriadas, a adaptação curricular, o professor e suas práticas pedagógicas, como também os perfil do aluno do campo.

O terceiro capítulo apresenta o resultado das investigações com a caracterização da escola, os procedimentos metodológicos, perfis dos entrevistados, análise e resultado da pesquisa, as propostas contribuintes e a conclusão, onde constatou-se que a educação neste contexto rural, precisa de assistência e de um olhar diferenciado que possa amenizar a dificuldades e chegar à superação de alguns desafios que interferem no ensino aprendizagem do aluno.

1 CONTEXTO HISTÓRICO DA MULTISSÉRIE NA ESCOLA

1.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Atualmente, a superação da educação rural é vista apenas como uma formação para o mercado de trabalho; e a recente concepção de educação do campo foram constituídas por uma longa trajetória de lutas e discussões no interior dos movimentos sociais, das entidades, representações civis, sociais e dos sujeitos do campo. A mudança na compreensão desse conceito reflete muito mais do que uma simples nomenclatura.

Esta é inevitavelmente o resultado de um olhar politicamente referendado na busca pelos direitos sociais e na defesa da seguinte trilogia: educação, sociedade e desenvolvimento, fatores indispensáveis para a concretização de projetos político-pedagógicos que busquem encarar a realidade e atender as necessidades das populações do campo. Sendo assim, essas são ações que pressionam as lideranças governamentais na criação e organização de políticas públicas para os trabalhadores e trabalhadoras do campo.

Assim abre-se assim um caminho, e novas conquistas são efetivadas, por meio das intensas manifestações da sociedade rural. Personificada na figura dos movimentos sociais do campo, tem-se o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras (MST) que, há muito tempo luta por uma educação que contemple de fato a população camponesa, respeitando as suas especificidades.

Mediante a questão, uma dessas conquistas se revela com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a qual institui em seu artigo 28, os seguintes direcionamentos para a escola do campo:

Art. 28º. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL/MEC, LDB, 9.394/96, art. 28).

Deste modo, apesar de ser considerada uma conquista significativa para a construção de um plano pedagógico que se oriente pelos objetivos e finalidades condizentes com a vida no campo, a LDB de 1996 recebe algumas críticas, por

deixar de abordar de modo mais evidente das questões importantes para a prática pedagógica com eficiência, de alunos que têm seus modos e viver e depende de uma educação diferenciada para conseguir terminar seus estudos.

Com a aprovação da Constituição de 1988 e do processo de redemocratização do país, um grande debate é feito em torno dos direitos sociais da população campestre, ao mesmo passo em que se consegue aprovar políticas de direitos educacionais bastante significativas, consolidando o compromisso do Estado e da sociedade brasileira em promover a educação para todos, respeitando suas singularidades culturais e regionais. Em sintonia com essas concepções foram elaboradas e implementadas reformas educacionais que desencadearam alguns documentos fundamentais, dentre eles: a Nova LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96.

A partir da concepção de uma educação para todos e a implementação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, conquista-se o reconhecimento da diversidade e singularidade do campo, uma vez que vários instrumentos legais estabelecem orientações para atender esta realidade de modo a “adequar” as suas especificidades, como exemplificam os artigos 23, 26 e 28, que tratam tanto das questões de organização escolar como de questões pedagógicas. A LDB 9.394/96 em seu artigo 28 estabelece as seguintes normas para a educação no meio rural:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I- conteúdos curriculares e metodologia apropriada às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; I- organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; I- adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996).

No âmbito das políticas públicas para a educação do campo, existem inúmeros problemas que precisam ser urgentemente encarados e resolvidos, como a localização geográfica das escolas, gerando enormes distâncias entre estas e a residência do aluno, os meios de transporte, as estradas, a baixa densidade populacional em alguns territórios rurais, o fechamento de escolas, a formação dos educadores, a organização curricular, a pequena oferta de vagas para as séries

finais do Ensino Fundamental e Médio, os poucos recursos utilizados na construção e manutenção das escolas do campo.

É possível então perceber que diante deste cenário da falta de comprometimento, as políticas públicas para a chamada “educação rural”, historicamente, teve como objetivo principal, sua vinculação a projetos conservadores e tradicionais de ruralidade para o país, sem considerar a realidade de quem precisa.

Com a intenção de suprir algumas carências, implementou-se nos municípios, recursos estaduais e federais que foram destinados, em sua grande maioria, o transporte escolar. Surge então mais um problema: a centralização do ensino nos grandes centros urbanos. Os alunos que residem nas áreas rurais são “transportados” até a cidade. Milhares de escolas do campo são conseqüentemente fechadas.

Mediante a situação das classes multisseriadas da educação do campo, a defesa da construção de uma política pública desta modalidade em substituição às velhas formas de pensar e fazer a educação rural demarca, desde o início, os movimentos pela educação do campo, o que implica, sobretudo, a defesa da educação como uma política social de natureza pública, que tem nas instituições do Estado, ou melhor, na máquina governamental o seu principal referente. “Sendo assim, quando se enfoca as políticas públicas (...) significa ter presente as estruturas de poder e de dominação, os conflitos infiltrados por todo o tecido social e que tem no Estado o lócus de sua condensação” (AZEVEDO, 1997, p.5).

Com uma visão de eficiente, poucos municípios mantiveram o funcionamento de escolas espessas e a educação do campo, perde mais uma vez, os seus espaços de formação política, crítica e questionadora em que se vive.

O Procampo é um programa que apoia a implementação de cursos regulares de licenciatura, em educação do campo nas instituições públicas de ensino superior de todo o país, voltados especificamente para a formação de educadores para a docência nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio nas escolas rurais.

O Programa Escola Ativa busca melhorar a qualidade do desempenho escolar em classes multisseriadas nas escolas do campo. Entre as principais estratégias estão a implantação nas escolas, recursos pedagógicos que estimulem a construção do conhecimento do aluno e capacitar professores.

O ProJovem Campo – Saberes da Terra oferece qualificação profissional e escolarização aos jovens agricultores familiares de 18 a 29 anos que não concluíram o ensino fundamental, visando enfrentar as desigualdades educacionais existentes entre o campo e a cidade.

Ao tratar-se desta temática, há uma atenção especial para os desafios que perpassam as políticas de financiamento, a formação de educadores e a produção de materiais didáticos. Essas questões são extremamente necessárias no processo de construção da educação do campo. Assim:

Não se trata de „inventar“ um ideário para a Educação do Campo; isso não repercutiria na realidade concreta. O grande desafio é abstrair das experiências e dos debates, um conjunto de idéias que possam orientar o pensar sobre a prática de educação da classe trabalhadora do campo; e, sobretudo, que possam orientar e projetar outras práticas e políticas de educação. (CALDART, 2002: p. 16)

Diante disto, a ausência de estudos sobre a organização das escolas multisseriadas, vinculada ao desinteresse dos órgãos educacionais responsáveis que omitem direitos fundamentais para esses alunos, relegam para essas instituições de ensino um papel isolado e longe dos interesses das políticas educacionais, deixando no prejuízo quem desta modalidade precisa.

No entanto, precisa-se rever a Educação do Campo como uma política pública implica pensar, em primeiro lugar, ações educacionais de forma ampliada, não somente quanto à demanda histórica por educação nas áreas rurais do estado, mas também no que se refere aos diversos níveis e modalidades de educação, considerando ainda a diversidade étnica, cultural, ambiental e social do campo.

Há também que se considerar que enquanto política pública, esta se difere de política de governo e, portanto, deve ser ancorada em amplo processo de participação e mecanismos de institucionalização das ações no âmbito do Estado. Implica dizer, portanto, que a política pública se estabelece num processo de conflitos e de relações de poder entre as demandas e interesses de grupos distintos e a instituição de mecanismos legais, financeiros e administrativos.

De acordo com Ramos (2004: 07), algumas faltas foram cometidas, pois, historicamente as políticas voltadas para o sistema de educação do meio rural, não levaram em consideração os seguintes aspectos: “Formulação de diretrizes políticas e pedagógicas específicas que regulamentassem como a escola deveria funcionar e

se organizar; Dotação financeira que possibilitasse a institucionalização e manutenção de uma escola em todos os níveis com qualidade.

Como pode- se perceber, a história da educação do campo foi marcada profundamente pelo abandono e tropeços do poder público. Foi em oposição a esta situação que surgiram diversas iniciativas de movimentos sociais, sindicais e populares que paralelamente construíram inúmeras experiências educativas de reflexão acerca da realidade e interesses dos povos do campo.

Assim, percebe- se que o processo de formulação e implementação de políticas públicas de educação do campo vem se fazendo em meio a um grande embate entre uma nova concepção de educação para os povos do campo e as antigas estruturas e práticas da educação rural enraizadas não somente nas escolas, mas também nas secretarias de educação, nas famílias e em muitas organizações de camponeses, de certo modo que impedem a formulação de novas práticas educacionais.

São iniciativas que defendem o meio rural como espaço de diversidade cultural e de identidade formada; e, portanto, territórios que carecem de políticas direcionadas a essa realidade e não uma mera transposição do que é elaborado no meio urbano. Não é possível deixar a educação do campo, com o reflexo da urbana.

Toda vez que houve alguma sinalização de política educacional ou de projeto pedagógico específico, isto foi feito para o meio rural e muito poucas vezes com os sujeitos do campo. Além, de não reconhecer o povo do campo como sujeito da política e da pedagogia, sucessivos governos tentaram sujeitá-lo a um tipo de educação domesticadora e atrelada a modelos econômicos perversos. (CALDART, 2002, p. 28)

Por isso, os anseios da população que questiona, sobretudo, a formação dos indivíduos pautados apenas nos interesses econômicos e políticos da classe dominante brasileira. A crítica surge em função da não consideração das histórias, sonhos, desejos, limites e possibilidades de mudar de vida, dos povos do campo.

Ainda, precisa- se considerar as dimensões do agronegócio que trabalha exclusivamente com a lógica da monocultura para exportação, em detrimento da agricultura familiar, de produção diversificada para o abastecimento do mercado nacional. Nesse contexto, as políticas públicas de educação implementadas nas áreas rurais, não têm dado conta de acompanhar as especificidades regionais,

geográficas e históricas do campo, além da necessária formação que atenda às demandas desta realidade, que precisa e tem direito a tal formação.

A socialização desses modelos, sinalizava anteriormente a construção de uma proposta de educação do campo e não mais educação rural ou educação para o meio rural. Outro aspecto de tamanha relevância se dá em 16 de abril de 1998, por meio da Portaria nº. 10/98. Foi criado o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, vinculado ao gabinete do Ministério Extraordinário da Política Fundiária. Em 2001, o Programa passa a fazer parte do INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, no MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Considerando a diversidade de atores sociais envolvidos no processo de luta pela terra no país, o PRONERA é uma expressão do compromisso firmado entre o Governo Federal, as instituições de ensino, os movimentos sociais, os sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais, governos estaduais e municipais (BRASIL, 2004).

O PRONERA surgiu a partir de um debate coletivo efetuado no I ENERA. Esse debate contou com a parceria do grupo de trabalho de apoio a Reforma Agrária da Universidade de Brasília, o MST e organizações nacionais e internacionais, tais como: CNBB, UNESCO E UNICEF.

Após um período de reuniões e discussões sobre a temática em pauta no ENERA e, em função de um alto índice de analfabetismo e baixos níveis de escolarização entre os beneficiários do Programa de Reforma Agrária, decidiu-se dar prioridade à questão da alfabetização de jovens e adultos, sem deixar de contemplar as demais alternativas para a educação do campo.

É correto destacar que mesmo com estes avanços e legislações educacionais mais atentas e voltadas para a educação do campo, a realidade das escolas para a população rural continua precária. As políticas e ações relatadas estão em diferentes patamares de desenvolvimento, uma vez que algumas dessas agendas já estavam incluídas, pelo menos nos instrumentos normativos relacionados à Educação Escolar Indígena e Educação Ambiental, enquanto outras ainda estavam em estágio inicial de discussão e desenvolvimento teórico-instrumental, como: Relações Étnico-Raciais e Educação do Campo.

Portanto, apesar das conquistas dos movimentos sociais do campo, em prol de uma educação de qualidade para o meio rural, muitas dificuldades ainda são

encontradas ao se tentar ter acesso às políticas públicas educacionais, que considerem as diferenças desse segmento educacional que sofre com o descaso e esquecimento por parte dos órgãos responsáveis e que não aparecem sequer nas estatísticas dos estudos voltados para uma educação que precisa ser revista

1.2 A REALIDADE DAS CLASSES MULTISSERIADAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.

Ao mencionar a educação no campo, apesar das lutas e aparentes incentivos governamentais a educação do campo continua sendo tratada com inferioridade e negligência, sendo sujeita a educação da cidade que é vista como prioridade das políticas públicas e dos governos.

Diante disto, por caso do descaso em relação à educação rural, os alunos do campo ainda são obrigados a se deslocarem todos os dias de suas residências e percorrerem uma longa distância para poderem ter uma educação digna e de qualidade. Já que no seu meio, no campo, não é possível encontrar condições estruturais e educacionais de qualidade para o seu aprendizado; pois as escolas urbanas foram e são o alvo principal das políticas e dos investimentos educacionais, como aborda Leite (1999):

1.Quanto à clientela da escola rural: a condição do aluno como trabalhador rural; distâncias entre locais de moradia/trabalho/escola; heterogeneidade de idade e grau de intelectualidade; baixas condições aquisitivas do alunado; acesso precário a informações gerais. 2. Quanto à participação da comunidade no processo escolar: um certo distanciamento dos pais em relação à escola, embora as famílias tenham a escolaridade como valor sócio-moral. 3. Quanto à ação didático-pedagógica: currículo inadequado, geralmente, estipulado por resoluções governamentais, com vistas à realidade urbana; estruturação didático-metodológica deficiente; salas multisseriadas; calendário escolar em dissonância com a sazonalidade da produção; ausência de orientação técnica e acompanhamento pedagógico; ausência de material de apoio escolar tanto para professores quanto para alunos. (LEITE, 1999, p. 55-56)

Ao analisar, percebe-se que escola do campo está esquecida, e os alunos são os que mais sofrem por conta deste abandono. Não é difícil encontrar no meio rural a triste realidade de diversas escolas abandonadas, sem alunos, sem professores e principalmente sem aulas. Há escolas inoperantes, não funcionam, não têm investimento e quase, à ruína. E por conta deste desprezo, os alunos

enfrentam estradas esburacadas até chegarem à cidade para em fim conseguirem estudar.

De um modo geral, as práticas educacionais voltadas para o campo buscam resgatar a cultura e a identidade do povo camponês, que vem perdendo suas características culturais com o passar dos anos. Por isso, faz-se necessário uma educação direcionada para essa clientela, que precisa da escolarização e procura a escola para tal.

Visto isso, percebe-se que as escolas voltadas para esta realidade, têm de instruir o jovem camponês para a vivência na sociedade atual, que ver no campo o reflexo do atraso, de pessoas que podem e devem receber qualquer conteúdo ou submisso a qualquer tipo de avaliação.

A educação rural no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores, e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional, aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político ideológica da oligarquia agrária conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos. Isso é coisa de gente da cidade”. (LEITE, 1999 p. 14).

Na atualidade, a escola e os professores possuem um papel fundamental na formação cidadã no campo; pois é na escola que os seres humanos interagem e aprendem a conviver em sociedade. Com isso, evidencia-se a importância de uma educação voltada para os camponeses e para a vida de quem vive longe das cidades, para assim estabelecer um paralelo entre campo e centros urbanos e diminuir o preconceito existente entre ambas as realidades.

Assim, a verdade sobre as escolas rurais não deve ser negada e o que se faz necessário é a existência de políticas públicas educacionais comprometidas com a educação do campo, que aceite-a como uma realidade existente no meio rural e não como um problema que deve ser negado e nem como escolas que devem ser fechadas; pois estas, devem ser apreendidas como uma escola no meio rural, para o meio rural, respeitando os valores das comunidades camponesas e resguardando assim suas particularidades, sua cultura e seus saberes diferenciados. Dito isto,

[...]. A educação do campo precisa ser uma educação específica e diferenciada, isto é, alternativa. Mas, sobretudo deve ser educação, no sentido amplo de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz (ARROYO, 2004, p.23).

A escola do campo vem para selar a formação do morador do campo, para que assim este possa construir seu pensamento crítico, embasado na sua cultura e identidade, não se perca a essência do convívio com o campo; fator que atualmente vem acontecendo, resultante do processo de formação da sociedade moderna, onde o sujeito que vive afastado da cidade não seja discriminado pelo fato de não estar inserido dentro do ambiente urbano.

Assim, percebe-se que a formação voltada para o meio rural é fundamental para manutenção de sua cultura, realidade, vivência e para a construção de sua identidade enquanto camponês, que tem suas peculiaridades e especificidades enquanto educando.

Essas e outras questões levam a uma análise mais cuidadosa na perspectiva de considerar o novo PNE como um instrumento de política pública da educação que objetiva enfrentar desafios e elevar a qualidade da educação brasileira. Desta maneira, estruturado em metas e estratégias, esse PNE elege como diretriz:

Erradicação do analfabetismo; Universalização do atendimento escolar; Superação das desigualdades educacionais; Melhoria da qualidade do ensino; Formação para o trabalho e para a cidadania; Promoção do princípio da gestão democrática da educação; Promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País; Estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto, que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade; Valorização dos profissionais da educação e; Promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos e à sustentabilidade socioambiental (BRASIL, 1993, p. 40).

Portanto, a educação do campo deve ser vista não apenas como modalidade de ensino, mas também como uma política pública que garanta a população camponesa os mesmos direitos educacionais garantidos à população urbana, pois percebe-se que no decorrer da história essa modalidade educacional sempre foi deixada em segundo plano.

Logo, não houve um investimento significativo pelos representantes governamentais para que tivesse uma educação condizente com a cultura e identidade do povo camponês e nem tão pouco uma qualidade educacional que contemple a melhoria de qualidade do ensino, deixando a desejar em muito determinadas ações voltadas para a educação do campo que contemple o que a constituição prevê que é indiferença na qualidade educacional para todos.

1.3 A NECESSIDADE DA ORGANIZAÇÃO EM MULTISSÉRIE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.

A organização da escola, parte da concepção de uma educação a partir do campo e no campo sendo formulada em um contexto de problematização de conceitos e ideias até então arraigados na sociedade brasileira, como tem sido o de educação rural. Em substituição à Educação Rural, entende-se campo e cidade, enquanto duas partes de uma única sociedade, que dependem uma da outra e não podem ser tratadas de forma desigual ou com condições diferentes.

Mediante essa situação, as escolas multisseriadas são marcadas pela heterogeneidade, ao reunir em uma única sala de aula estudantes de diferentes idades, por vezes até gerações, diferentes séries, ritmos de aprendizagem, alfabetizados e não alfabetizados, sob a responsabilidade de um único professor ou professora; e por isso são denominadas de uni docentes.

Localizando-se nas pequenas comunidades rurais, especialmente naquelas que se encontram muito distantes das sedes dos municípios, onde a população a ser atendida na escola não atinge o contingente definido pelas secretarias de educação para formar uma turma por série; e sendo assim, em alguns casos denominadas de escolas isoladas. Ainda há a condição de atenderem estudantes de diferentes etapas de escolarização, educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, são por isso também denominadas de multi-etapas. De acordo com Hage (2003),

As classes multisseriadas constituem-se na modalidade predominante de oferta do primeiro segmento do ensino fundamental no meio rural do estado do Pará e da região amazônica. (...) elas se encontram ausentes dos debates e das reflexões sobre educação rural no país e nem mesmo "existem" no conjunto de estatísticas que compõem o senso escolar oficial (HAGE, 2003, p. 02).

Diante disto, muitos fatores evidenciam as condições existenciais precárias dessas escolas, que não estimulam os professores e os estudantes a nelas permanecerem ou sentir orgulho de estudar em sua própria comunidade, fortalecendo ainda mais o estigma da escolarização empobrecida e abandonada que tem sido ofertada no meio rural, e forçando as populações do campo a deslocar-se para estudar na cidade, como solução para essa questão.

Sobretudo, é interessante notar que essa precarização evidenciada nas escolas multisseriadas, é resultante do pouco investimento na qualidade de ensino no meio rural por parte dos gestores públicos, associada à existência de um número extenso de escolas, à ideia de dispersão de localização das mesmas e ao atendimento reduzido do número de estudantes por escola e até a alguns atendimentos.

Assim, terminam sendo utilizados como argumentos decisivos para esses mesmo gestores tomarem a atitude de fechar indiscriminadamente essas escolas ou turmas e investirem na política de nucleação destas instituições, vinculadas ao transporte escolar, como estratégia mais frequente para a superação destes problemas. Assim, define-se classes multisseriadas, formadas especialmente por pessoas que habitam nas zonas distantes das cidades e estão caracterizadas como alunos do campo, que também buscam a escolarização e precisam desta para garantir um futuro promissor.

As classes multisseriadas caracterizam-se por reunir em um mesmo espaço físico diferentes séries que são gerenciadas por um mesmo professor. São, na maioria das vezes, única opção de acesso de moradores de comunidades rurais (ribeirinhas, quilombolas) ao sistema escolar. As classes multisseriadas funcionam em escolas construídas pelo poder público ou pelas próprias comunidades, ou ainda em igrejas, barracões comunitários, sedes de clubes, casas dos professores entre outros espaços menos adequados para um efetivo processo de ensino-aprendizagem. (XIMENES-ROCHA E COLARES, 2013, p. 93).

Assim, diante de tal realidade, os docentes utilizam diferentes alternativas na organização de seu trabalho pedagógico, envolvendo o planejamento e seleção dos conhecimentos, a organização dos estudantes das diferentes séries no interior da sala de aula, o uso do quadro de giz e as metodologias de ensino como estratégias para facilitar seu trabalho, para viabilizar a condução das atividades pedagógicas e oportunizar a aprendizagem aos estudantes; e com isso, aos poucos vão minando o pilar da seriação, que se assentam na fragmentação do tempo, do espaço e do conhecimento, com uma junção quase impossível para se chegar ao ensino aprendido com eficiência.

Portanto, em grande parte, essas alternativas são originárias das experiências e histórias adquiridas na vida dos docentes, com os anos de atuação nas escolas multisseriadas ou nas formações em que participam promovidas pelas redes de ensino, que em geral, não pautam as questões relacionadas à dinâmica das escolas

rurais multisseriadas em seus conteúdos. Daí, é preciso dinamizar o tempo e a condição através da adaptação curricular.

Assim, ainda que os professores continuem utilizando o modelo seriado urbano de ensino de forma predominante, como paradigma de organização do trabalho pedagógico nas escolas multisseriadas, mesmo sem compreender claramente as referências que configuram esse paradigma e seus desdobramentos; é a partir dos processos formativos em que participam e com as experiências adquiridas em suas práticas pedagógicas nas escolas multisseriadas, de forma pouco referenciada, que esses mesmos professores vão criando suas formas de resistência e desenvolvendo estratégias que indicam sinais de transgressão do modelo seriado urbano de ensino.

Desta maneira, entende-se, que o campo e a cidade são dois polos diferentes; no entanto, continuam duas partes de um todo, que não podem se isolar, mas, antes de tudo, articulam-se, completam-se e se alimentam mutuamente, mesmo com realidades diferentes.

A Educação do Campo, então, se afirma na defesa de um país soberano e independente, vinculado à construção de um projeto de desenvolvimento, no qual a educação é uma das dimensões necessárias para a transformação da sociedade, que se opõe ao modelo de educação rural vigente.

Parece-me que é urgente pesquisar as desigualdades históricas sofridas pelos povos do campo. Desigualdades econômicas, sociais e para nós desigualdades educativas, escolares. Sabemos como o pertencimento social, indígena, racial, do campo é decisivo nessas históricas desigualdades. Há uma dívida histórica, mas há também uma dívida de conhecimento dessa dívida histórica. E esse parece que seria um dos pontos que demanda pesquisas. Pesquisar essa dívida histórica (ARROYO; 2004, p.104).

Desta forma, diante da realidade, o camponês, o ribeirinho, o povo da floresta da Amazônia paraense também tem demonstrado que domina saberes. Conhecem as marés do rio que enche e vaza, do tempo da piracema, sabem que grande área de floresta no chão torna o solo da Amazônia infértil, do período da coleta dos frutos na floresta, entendem a geografia do rio, da mata; trazem consigo a cultura de seus antepassados impregnada em suas cantigas, danças e lendas em seu jeito de ser homem, mulher, caboclas e sujeito de saberes amazônidas. Isso somente quem vive e sobrevive no campo é capaz de compreender.

Estes são na realidade, saberes de quem tem suas especificidades, suas peculiaridades, seu modo de viver e conhecer, e acima de tudo, de quem tem necessidade de uma educação escolarizada diferenciada. São riquezas, que somente quem vive no contexto do campo, pode compreender.

O currículo formado pela matriz formativa presente nessas políticas de formação orientadas exclusivamente para a avaliação de conteúdos, focadas na noção de competências e limitadas apenas aos componentes curriculares avaliados, não tem espaço para todos os conteúdos e dimensões da formação humana que são trabalhados nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo.

Diante disto, sempre falta algo que faz a diferença, quando trata-se de escolarização. O aluno do campo, com suas necessidades, modo de vida diferente, costumes e forma de trabalhar e estudar, precisa estar preparado de acordo como exige a sociedade.

[...] entender o campo como um modo de vida social contribui para auto afirmar a identidade dos povos do campo, para valorizar seu trabalho, a sua história, o seu jeito de ser, os seus conhecimentos, a sua relação com a natureza e como ser da natureza. Trata-se de uma valorização que deve se dar pelos próprios povos do campo, numa atitude de recriação da história. (PARANÁ, 2006, p. 26).

A educação de qualidade entendida não apenas como a efetivação da escola, mas espaços também não formais que permitam o desenvolvimento pleno das pessoas que vivem e trabalham no campo e aos sujeitos envolvidos no contexto, que precisam da escolarização para mudar de vida a partir da educação.

Assim, Freitas adverte que, quando as avaliações incorporam apenas determinadas disciplinas e excluem outras, os professores tendem a ensinar aquelas matérias abordados em testes. “Se o que é valorizado em um exame são a leitura e a matemática, a isso eles dedicarão sua atenção privilegiada, deixando os outros aspectos formativos de fora”. (FREITAS, 2012, p. 389).

Mas a incorporação de sua cultura nos currículos escolares deveria processar-se por aspectos que envolvessem desde políticas públicas para a educação como também, a aproximação do professor com o aluno e sua realidade por meio de situações problematizadoras. Quanto à educação, cabe mencionar que:

[...] é planejada, estruturada e realizada a partir das necessidades educacionais de cada região. Não há uma superestrutura válida para todo e qualquer meio ambiente. As exigências de planejamento e efetivação da educação rural estão correlacionadas à política do desenvolvimento e transformação das estruturas do setor primário. O modelo de desenvolvimento é uma variável que interfere no estabelecimento de diretrizes e políticas para a educação rural, afirmavam os planejadores de educação e recursos humanos da época (CALAZANS, 1993, p. 30).

Nessa perspectiva, a escola torna-se um espaço de análise crítica para que se levantem as bases para a elaboração de outra proposta de educação e de desenvolvimento. Nesse sentido, busca-se desenvolver uma proposta de educação voltada para as necessidades das populações do campo e para a garantia de escolarização de qualidade, tornando-se o centro aglutinador e divulgador da cultura da comunidade e da humanidade.

Por isso dá-se a importância de estudar as leis que regulamentem a educação do campo, que possam introduzir no contexto escolar camponês, práticas educacionais condizentes com a realidade, à cultura e à identidade do povo do campo, possibilitando um resgate cultural da população camponesa, como também permitir que essa população permaneça em seu espaço rural, sem se deslocar para os centros urbanos, a fim de melhores condições de vida. Isto significa dizer uma educação do campo e no campo, respeitada em suas especificidades e creditada para formar cidadãos que têm direito ao conhecimento.

Na construção de suas trajetórias, apesar de todas as dificuldades enfrentadas - relacionadas à formação, desvalorização salarial e más condições de trabalho – os professores de escolas rurais vem a desenvolver “consciência orgulhosa”, situada em sua auto-estima e percepção do valor social de seu trabalho. Tal sentimento seria responsável pela motivação destes em suas buscas por formação continuada, bem como por reflexão quanto à docência no campo, vindo a construir visão positiva quanto à seus fazeres, assim como a estabelecem processos de “resgate da vocação docente, num sentido político e relacional; e a vinculação do magistério a um projeto educativo e político amplo” (BELTRAME, 2000, p.193).

A realidade das escolas rurais não deve ser negada, o que se faz necessário é a existência de políticas públicas educacionais comprometidas com a educação do campo que aceite-a como uma realidade existente no meio rural brasileiro e não como um problema que deve ser negado e nem como escolas que devem ser fechadas. Estas escolas devem ser apreendidas como uma instância

no meio rural, para o meio rural, respeitando os valores das comunidades camponesas e resguardando assim suas particularidades, sua cultura e seus saberes.

No entanto, a educação do campo deve ser aquela em se baseia em práticas educativas e pedagógicas que estejam de acordo com a realidade da população camponesa, bem como que levem em conta a cultura e as tradições das pessoas que vivem no âmbito rural. Observa-se que é uma educação que surge em resposta aos movimentos sociais do campo que sempre buscavam uma educação condizente com a vida e os hábitos dos alunos da zona rural.

A crença que a função da escola é transmitir o saber socialmente construído hoje está sendo revisto não superada. Não se trata de superar o direito de todo ser humano ao saber socialmente construído, a cultura de vida, a herança cultural. Trata de que isso passou a ser um slogan, que precisa ser mais trabalhado, mais pesquisado. Até onde os saberes escolares são saberes construídos ou apenas parte e até filtram esse saber construído? Até onde há seletividade dessa construção? Até onde em nome do direito aos saberes escolares, negamos os saberes construídos? Até onde são saberes mais mortos do que vivos? (2006; p.111)

Diante disto, a Amazônia paraense tem se caracterizado como um território em disputa, marcado por relações conflituosas especialmente por causa da terra e da sua biodiversidade natural, como a fauna e flora, águas, solo e subsolo desse espaço geográfico, cobiçado por empresas nacionais e internacionais que têm se instalado no Pará para explorar os recursos naturais do meio ambiente, deixando às vezes, uma imensa cratera na geografia deste Estado. É preciso um olhar diferenciado para esta questão.

Recentemente desponta em todo país uma efervescência de estudos e debates sobre a Amazônia brasileira. Entretanto, o desafio é também, é pensar nesta, a partir de seus sujeitos sociais.

Sobretudo, todos, sem exceção devem participar da produção dessas proposições, políticas e ações, como os educandos, educadores, gestores, funcionários, pais, lideranças das comunidades, movimentos e organizações sociais locais; todos têm com o quê contribuir e devem; portanto, participar com suas ideias, críticas, sugestões, ponderações, opiniões e contribuir para tal.

Esse é um requisito fundamental e mesmo uma exigência para se democratizar o saber, as relações sociais e o poder na escola, reconhecido inclusive

pelas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo, quando estabelece que:

[...] o projeto institucional das escolas do campo, garantirá a gestão democrática, constituindo mecanismos que possibilitem estabelecer relações entre a escola, a comunidade local, os movimentos sociais, os órgãos normativos do sistema de ensino e os demais setores da sociedade. (CNE/CEB, 2002, Art.10)

Entre as populações e grupos que habitam a Amazônia, no campo e na cidade, encontram-se caboclos, ribeirinhos, pescadores, extrativistas, coletores, indígenas e remanescentes de quilombos, colonos, migrantes de outras regiões brasileiras, especialmente do nordeste e do centro-sul e estrangeiros, agricultores familiares assentados, sem terra, sem teto, posseiros, garimpeiros, atingidos por barragens; e segmentos populares, incluindo idosos, deficientes, jovens, crianças, mulheres, negros, trabalhadores, entre outros.

Com todas essas reflexões busca-se fortalecer a compreensão de que as mudanças a serem implementadas na atuação das escolas rurais multisseriadas envolvem, entre muitas outras questões, a implementação de uma proposta de formação permanente dos professores que atuam nessas escolas. Capacitação que busque orientar suas atividades referenciadas pelas premissas de inter-relação entre os fatores macro e micros sociais que envolvem as escolas do campo e toas as suas necessidades.

É a partir dessa compreensão sobre a educação que se colocam as perspectivas da formação docente pleiteada pela ação do movimento da Educação do Campo no Brasil. A afirmação dessa característica é relevante no atual momento histórico no qual está em curso um conjunto de políticas que ameaça a educação pública no país e igualmente a Educação do Campo. Estruturado no tripé meritocracia, avaliação e privatização (FREITAS, 2014).

Portanto, a afirmação dos parâmetros estabelecidos pela legislação educacional para assegurar o direito à educação dos sujeitos do campo; apropriação da produção teórica existente sobre educação rural e educação do campo; perspectiva interdisciplinar e dialógica entre os sujeitos e seus saberes culturais e científicos; e, reflexão crítica acerca das concepções de aprendizagem e das reflexões que têm sido produzidas sobre a seriação e seus impactos na organização do ensino e no trabalho docente.

2 A ESCOLA COM CLASSES MULTISSERIADAS: DESAFIOS, LIMITES E POSSIBILIDADES.

2.1 ADAPTAÇÃO CURRICULAR E AVALIAÇÃO DO ALUNO DO CAMPO

As escolas do campo têm suas peculiaridades; especialmente quando trata-se das funções do professor da Sala de Recursos, onde está a orientação ao professor da sala comum no que se refere às adaptações curriculares necessárias para o desenvolvimento acadêmico do aluno.

Desta forma, é viável que o professor da sala regular, auxilie na elaboração da avaliação do aluno, de acordo realidade, a partir das disciplinas da grade curricular, para que a avaliação seja justa. Mantoan (2006, p. 35) escreve que “a avaliação do desempenho escolar também precisa sofrer mudanças para se ajustar às características de um ensino para todos”.

Ademais, uma educação para todos não deve seguir os mesmos moldes como de a avaliação pudesse ser homogênea, os alunos são diferentes, mesmo aqueles que não foram avaliados e que não estão frequentando uma sala de recursos, adequados para todos.

De acordo com as circunstâncias que pode-se observar no professor da sala comum é uma resistência em aceitar a mudança e também dificuldade em entender a adaptação curricular necessária para o aluno com suas peculiaridades. Um trabalho voltado para novas oportunidade de aprendizagem é o que se espera quando é possível verificar que o aluno ainda não conseguiu atingir o objetivo proposto com determinado conteúdo. A avaliação é uma ferramenta de idas e voltas, que deve fazer parte do cotidiano do professor, ela é uma base de verificação do ensino que deve ser analisada sob as óticas dos diferentes segmentos envolvidos na instituição escolar.

É muito importante o entrosamento entre o professor e seus alunos. Quando isso é conseguido, o diálogo entre eles flui naturalmente. Se, ao contrário, entram em constantes atritos, o professor não conseguirá quase nada do ponto de vista educacional, pois os alunos resistirão à aprendizagem, como defesa do tratamento recebido. (DROUET, 2006, p. 215)

O fato do professor e alunos chegarem ao diálogo, leva ao sucesso, quando há uma adaptação de todos os conteúdos a serem trabalhados e assim, flui o

aprendizado de forma mais eficiente; pois considera-se a realidade e a vivência de quem precisam da educação e esclarece aos agentes diretos como os professores. O desenvolvimento integral deve ser pensado, repensado e planejado, quando trata-se de especificidades do sujeito. A educação tem por objetivo a interação social e cultural do indivíduo, essa mesma educação que irá contribuir com parte de nossos valores por toda vida.

Assim, a educação na sociedade tem como propósito, uma estratégia na qual se torna importante desenvolver iniciativas que contribuam para o desenvolvimento humano, na medida em que vá de encontro às necessidades e interesses daqueles em questão, que são os alunos, inseridos na escola, para seu desenvolvimento intelectual.

Desta forma, as adaptações curriculares que MEC/SEF/SEESP propõem alunos das Salas de Recursos pretendem o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem dos alunos. Toda e qualquer adaptação deve estar pautada no projeto político pedagógico da escola que são baseadas nos seguintes aspectos distintos, de acordo com Sá (2016):

Atitude favorável da escola para diversificar e flexibilizar o processo de ensino-aprendizagem, de modo a atender às diferenças individuais dos alunos; • Identificação das necessidades educacionais especiais para justificar a priorização de recursos e meios favoráveis à sua educação; • Adoção de currículos abertos e propostas curriculares diversificadas, em lugar de uma concepção uniforme e homogeneizadora de currículos; • Flexibilidade quanto à organização e ao funcionamento da escola para atender à demanda diversificada dos alunos; • Possibilidade de incluir professores especializados, serviços de apoio e outros não convencionais, para favorecer o processo educacional (SÁ, 2016, p. 1)

Desta maneira, as adaptações devem ser realizadas indicando o que os alunos devem aprender, da maneira que serão desenvolvidos os conteúdos e também estabelecendo o tempo necessário para a aprendizagem. Na adaptação curricular também deverá estar expressa como acontecerá a avaliação do aluno, de acordo com sua especificidade e sua realidade.

As adequações curriculares devem seguir alguns aspectos, considerando a sua competência e habilidade; sendo fundamentada na análise do contexto escolar e familiar, que favoreça a identificação dos elementos adaptativos necessários que possibilitem as alterações indicadas. Estas, devem contar com a participação da

equipe docente e técnica da escola e com o apoio de uma equipe psicopedagogia como psicólogo, fonoaudiólogo, médico e outros, quando possível e necessário.

Assim, deve ser registrada para integrar o acervo documental do aluno. Deve-se evitar que as programações individuais sejam definidas, organizadas e realizadas com prejuízo para o aluno, ou seja, para o seu desempenho, promoção escolar e socialização. “É necessário que as adaptações sejam dosadas evitando adotar adequações curriculares muito significativas, que impliquem supressões de conteúdos expressivos (quantitativa e qualitativamente), bem como a eliminá-lo de disciplinas ou de áreas curriculares completas”. (BRASIL, 2003, p. 37).

Quanto à avaliação, o professor deve estabelecer um ótimo diálogo com o aluno é mais uma forma de conhecê-lo e saber das necessidades que poderão ser supridas na elaboração da adequação curricular. A vida e a cultura deste, deve está em consideração.

Segundo Hadji (2001), as finalidades da avaliação para o professor, deve ser, acima de tudo, conhecer melhor o aluno; recolher informações de forma contínua, julgando o grau de aprendizagem; adequar o processo de ensino ao grupo de alunos e àqueles que apresentam dificuldades, tendo em vista os objetivos propostos; adaptar o conteúdo e as formas de ensino às características dos alunos, ou seja, deveria existir uma pedagogia diferenciada; fazer uma análise reflexiva, ao término de uma determinada unidade, sobre o sucesso alcançado em função dos objetivos previstos e revê-los de acordo com os resultados apresentados.

Desta forma, sem um currículo específico para os alunos do campo, a generalização dos conteúdos não diferencia campo de cidade, o que não favorece em alguns aspectos a vivência destes, incentivando a forma de desvincular das suas origens. É uma esta tarefa de repensar o currículo tem que ser construída com todos os envolvidos no ambiente escolar e, também, da comunidade em que se encontra o sujeito.

A discussão sobre Educação do Campo junto aos sujeitos que atuam na escola: professores, supervisores, gestores, dentre outros, não pode ser adiada, tendo em vista que precisam compreender os fundamentos dessa perspectiva educacional que os leva a repensar o seu fazer educativo. Diante dessa premência aparecem-nos questões desafiadoras: como oportunizar a esses educadores a reflexão sobre a proposta teórico-metodológica de Educação do Campo? Quais as possibilidades e os limites do movimento para formulação e implementação das concepções teórico-filosóficas que inspiram essas práticas educativas?(COSTA, 2010, p. 42)

Mediante tal situação, repensar o currículo escolar é tarefa de todos, mas cabe ao município, por meio da Secretaria de Educação e do Conselho Municipal de Educação fortalecer o espaço e as estruturas mínimas para que o projeto da educação do campo se concretize em uma nova configuração organizativa coletiva, no chão da escola com a realidade dos que estão inseridos nela.

Os docentes devem conhecer seus alunos e suas turmas para poder saber qual a melhor forma de avaliá-los. Mas nem sempre o que funciona em uma turma pode servir para outra, pois as diferenças são muito marcantes na atualidade. A avaliação e as formas de ensino devem ser adaptadas conforme a clientela, devendo-se considerar os resultados para uma nova prática pedagógica em sala de aula.

Especialmente na escola do campo, o docente como gestor da sala de aula tem a frente inúmeros desafios, nem todos de teor didático ou curricular, mas do que concerne em sua relação com a gênese humana, em sua diversidade de gêneros e motivos nos diferentes níveis, cognitivos, emocionais e instrumentais dos alunos dentro do seu universo particular. Por isso, é bom considerar que,

Todo planejamento educacional, para qualquer sociedade, tem que responder às marcas e aos valores dessa sociedade. Só assim é que pode funcionar o processo educativo, ora como força estabilizadora, ora como fator de mudança. (...) para ser autêntico, é necessário ao processo educativo que se ponha em relação de organicidade com a contextura da sociedade a que se aplica. (FREIRE, 2001, p. 10).

A capacidade de resolver de forma didática e a tranquilidade é um elemento essencial para que o professor possa agir com lucidez nos desafios do cotidiano escolar, desconstruindo o pensamento que a sala de aula seja um território de conflitos. Na verdade, a problematização dos elementos constitutivos do processo escolar é um campo propício às mudanças decorrentes de uma sociedade mais otimizada para debates e reivindicações para o exercício da democracia.

Todavia, os desafios são muitos e os obstáculos inúmeros para transpor as angústias experimentadas pelos educadores da sala multisseriada, estigmatizados no conteúdo e na forma da sua práxis, obrigados a se movimentarem em apertados parâmetros de ensino. Apesar do desempenho, a escola do campo prossegue com ganhos ínfimos e inconcebíveis no que determina a lei; contudo, ainda é o único recurso nas regiões mais afastadas do campo brasileiro, das cidades com seus

interiores com suas culturas, nos lugares mais distantes onde se encontra a escola, ela se torna a única esperança para quem quer se alfabetizar e prosseguir os estudos para realizar seus objetivos.

2.2 O PROFESSOR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM MULTISSERIADAS.

A escola com multisséries predominante no campo é uma realidade cheia de contradições, e desde a sua origem, perdurou por décadas, no cenário da educação brasileira enquanto visíveis modificações ocorriam pelos movimentos sociais e mudanças políticas e econômicas na sociedade, foi de fato nos primórdios da organização escolar, a maneira de alfabetizar e levar o conhecimento a sociedade do campo com sua diversidade cultural seus saberes e seu modo peculiar de viver. No campo da educação é comum se deparar com colegas de profissão que se queixam da dificuldade que apresentam em dominar as modernas práticas pedagógicas.

Entretanto, para que o profissional encontre caminhos que facilite transferir o discurso pedagógico da teoria para a prática são necessárias diversas atitudes a serem observadas, bem como inseri-las na prática educacional; considerando a real importância em aplicar com clareza o conhecimento que possui, bem como propiciar o sucesso profissional e o desempenho significativo dos alunos, através de metodologias de estratégias.

Assim, é preciso destacar que se busca uma educação dos e não para os sujeitos do Campo. A educação e a escola do Campo deverão estar comprometidas com um projeto de sociedade, de campo e de agricultura, valorizar a terra como um instrumento de vida, cultura e produção, engajar os sujeitos do campo a uma leitura crítica da realidade na perspectiva da transformação dela e dos sujeitos nela inseridos.

A escola multisseriada pensada na pré-história de nosso sistema escolar; vista como distante do paradigma curricular moderno, urbano, seriado, vista como distante do padrão de qualidade pelos resultados das avaliações, pela baixa qualificação dos professores, pela falta de condições materiais e didáticas, pela complexidade do exercício da docência em classe multisseriada, pelo atraso da formação escolar dos sujeitos do campo em comparação com aquela da cidade. (ARROYO, 2010, p.16).

As classes com ensino multisseriado ainda estão presentes nas práticas pedagógicas nas escolas do campo. Consiste em alunos de diversas séries com

distorção de idades tendo aula com um único professor, que tem o papel de planejar e aplicar em sua prática conteúdos diferentes de ensino no único espaço.

Desta maneira, compreender a prática docente depende da compreensão de como o sujeito constrói o conceito da docência, como realiza sua prática, como lida com as adversidades da sua profissão em meio às relações que estabelece com o meio rural e com os sujeitos, que são parte do mesmo.

No entanto, é necessário rever constantemente a prática pedagógica, orientando com vistas a superar a reprodução e valorizar a produção crítica e criativa do saber. Essa preocupação com a prática pedagógica passa primeiramente pela análise da relação professor e aluno, pois ambos são coautores do processo ensino-aprendizagem.

Sobretudo, a Educação do Campo se identifica pelos seus sujeitos, não pode ser apenas uma soma de programas, se faz necessário uma luta no campo das políticas públicas porque essa é a única maneira de integrar o acesso de todos nela envolvidos, de forma a construir uma educação que forme as pessoas como sujeitos de direitos, capazes de fazer da luta permanente sua conquista.

Queremos participar diretamente da construção do nosso projeto educativo; queremos aprender a pensar sobre a educação que nos interessa enquanto ser humano, enquanto sujeitos de diferentes culturas, enquanto classe trabalhadora do campo, enquanto sujeitos das transformações necessárias em nosso país, enquanto cidadãos do mundo [...] (CALDART, 2002, P. 28):

Assim é possível reconhecer o campo e seus sujeitos não apenas reprodutores; mas, produtores de educação que possam reivindicar um currículo contextualizado com a realidade campesina. A Educação do Campo, assim, garante que todas as pessoas do campo tenham acesso à educação pública, pensada nos interesses da vida no Campo. É necessária uma instrução e escolarização onde a escola esteja no campo, que pedagogicamente seja planejada conteúdos que dispunham sobre a valorização da história e da cultura campesina.

Esta formação no campo necessita ser comprometida com a participação social, formação para o trabalho, uma educação preocupada com o respeito às diferenças culturais, diferenças étnicas, diferenças de gênero, preocupada também na construção de uma agricultura pautada no desenvolvimento sustentável, vinculada as necessidades humanas e sociais dos sujeitos do campo

Mediante a questão, Freire (1996) ressalta que “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática.” Tomando como ponto de partida, a formação do educador, este elemento constitutivo de uma reflexão e objeto de discussão, torna-se capaz de proporcionar uma perspectiva libertadora para o educando dentro de uma pedagogia que estabeleça o entendimento sobre suas vidas, saberes e vivências.

No entanto, é a escola que constata, problemas de aprendizagem que configuram-se como fracasso institucional, tendo em vista os inúmeros fatores que interferem no aproveitamento dos alunos e na qualidade do ensino. Em contrapartida, o sucesso pedagógico merece ser pensado como um ideal que vai além do simples domínio de conteúdo e estende-se à questão da transmissão deste, que cabe ao docente em evidência.

Neste contexto o educador exerce a prática da liberdade, valoriza o saber popular e está consciente do seu tempo, sabendo onde se encontra a realidade e colocando seu conhecimento a serviço das necessidades e potencialidades dos indivíduos que estão inseridos educacionalmente.

Desta forma, dentro de um processo educativo, é imprescindível a valorização dos diferentes saberes sabiamente articulados pelo diálogo mediador, partindo do pressuposto de que o conhecimento do sujeito adquirido pela experiência na sua trajetória de vida contribuem para fins de pertencimento, identidades com a cultura e a sociedade em vigor.

O grande problema que se coloca ao educador ou à educadora de opção democrática é como trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade. Quanto mais criticamente a liberdade assuma o limite necessário tanto mais autoridade tem ela, eticamente falando, para continuar lutando em seu nome. (FREIRE, 1996.p.40).

A escola do campo exhibe uma deficiência profunda, consideradas importantes para a formação do aluno, além da unidocência como fator principal nas causas primárias das incertezas do ensino no campo. O processo de ensino aprendizagem é prejudicado pela precariedade da estrutura das escolas multisseriadas, expressando-se em prédios que necessitam de reformas, como também espaços inadequados do trabalho escolar com eficiência.

Assim, é neste contexto que começam a surgir sugestões pedagógicas concretas e estas tornam-se dominantes nos espaços escolares, onde os

professores e coordenadores, tradicionalmente preocupados com as questões didático-metodológicas, percebem o processo de aprendizagem na sua relação com o indivíduo e a comunidade, visando seus valores, anseios, conhecimentos socialmente compartilhados, modos de aproximação com o saber, significados implícitos e explícitos das conquistas da pedagogia histórico-crítica, que por vezes necessita de complemento através de estratégias para o melhor aprendizado.

Surge através da educação das camadas populares desde a alfabetização até o ensino superior, de forma integrada, humanizada e comprometida com o saber, o respeito à integridade do educando, pela contribuição do mesmo no fortalecimento deste conhecimento, contemplando as minorias étnicas e sociais, pobres e excluídos, na construção de uma sociedade igualitária, no direito a educação e a formação de educadores.

A concepção de educação do campo valoriza os conhecimentos da prática social dos camponeses e enfatiza o campo como lugar de trabalho, moradia, lazer, sociabilidade, identidade, enfim como lugar da construção de novas possibilidades de reprodução social e de desenvolvimento sustentável. (SILVA, 2011.p.312).

Diante da realidade, as escolas do campo oferecem escolarização até as séries iniciais, multisseriadas e unidocentes. O aluno se quiser prosseguir nos estudos, terá que se deslocar até centros urbanos em escolas totalmente desvinculadas dos saberes do campo. Depois deste contato a tendência é ficarem nestes centros e irem para mais longe, a procura de oportunidades de emprego. Sem um currículo específico para os alunos do campo, a generalização dos conteúdos não diferencia campo de cidade, o que não favorece em alguns aspectos a vivência destes alunos, incentivando o desvínculo das suas origens.

Ao tratar-se da organização escolar, o professor sofre as angústias de planejar e organizar no tempo pedagógico, a conexão de séries diferentes, sem o apoio de uma equipe pedagógica que possa orientá-lo, principalmente quando se trata de uma aprendizagem bastante específica, com conteúdos diferenciados pela própria essência dos saberes provenientes, do modo peculiar que orienta a vivência nas comunidades do campo.

Mediante isto, “A ausência de uma proposta pedagógica específica para a realidade das salas multisseriadas é fortalecida pelas Secretarias de Educação,

quando definem encaminhamentos pedagógicos e administrativos padronizados sem considerar a diversidade dessas escolas". (SILVA, 2011, p.306).

É evidente que não somente os professores podem fornecer as respostas necessárias à educação que queremos, pois sabe-se que carece também da colaboração da comunidade escolar como um todo e do poder público, mas se houver união entre estes citados primeiro, já se considera um bom começo em busca da eficácia educacional.

Está evidente, que entre o discurso pedagógico ou o sucesso de algumas experiências escolares e a efetiva concretização de novas posturas no sistema educacional, há uma considerável distância, compreendida, entre outros fatores, pelas políticas públicas que levaram ao despreparo do professor e pela ineficiência dos projetos ou políticas de formação docente, principalmente na educação rural, nas escolas do campo.

Todavia, um currículo específico para os alunos do campo, a generalização dos conteúdos não diferencia campo de cidade, o que não favorece em alguns aspectos a vivência destes alunos, incentivando o desvinculamento das suas origens. No campo da educação as diferenças também se explicitam cada vez mais forte e provocam visões e práticas profundamente arraigadas no cotidiano escolar.

Portanto, a escola transcende os bancos escolares, bem como as práticas escolares não se restringem à sala de aula, ela incorpora a dinâmica da sociedade, não de uma forma mecânica, mas em uma contínua modificação. É preciso compreender que educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar as pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação.

Ademais, trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomarem decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente os saberes produzidos no âmbito da pedagogia e dos saberes estritamente escolares..

2.3 PERFIL DO ALUNO DO CAMPO

A organização escolar de forma seriada exige o trabalho pedagógico de forma fragmentada, fazendo com que as atividades de planejamento, de currículo e de avaliação sejam desenvolvidas isoladamente para cada uma das séries,

acumulando vários alunos reprovados por não conseguirem supostamente seguir o processo linear. Logo, é evidenciada a necessidade de organizar e homogeneizar os processos, para a clientela com sua cultura e especialmente com suas especificidades. Trata-se do aluno do campo, em escolas de ambientes rurais. O decreto institui uma Política Nacional de Educação do Campo:

§ 1º Para os efeitos deste Decreto, entende-se por: populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural (BRASIL, 2007, p. 01).

Assim, o campo é identificado como o espaço das florestas, onde vivem os diversos povos, lugar de vida e, também, de educação. Contemplam os trabalhadores do campo, na mais diversidade pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os caboclos entre outros.

Surge dessa forma a reflexão à respeito do perfil dos sujeitos deste contexto, que é de fundamental importância para um ensino de qualidade. Entre os professores que passam a atuar na multisseriada, é latente o questionamento no que se refere às especificidades, o que há de diferente e que poderá mudar para atender de forma adequada.

Acredita-se que a escola seja o primeiro passo, além do contexto familiar, para que os sujeitos conheçam novos mundos, novas ideias, ou melhor, é o lugar que serve de ponte para o desenvolvimento e a aprendizagem. Para isso, procurou-se partir sempre da realidade vivida pelos alunos, embasando a prática no coletivo, ou seja, na ação conjunta com docentes, alunos e parceiros de uma realidade que se vive distante do contexto urbano.

Portanto, considera-se que seja mais do que preciso elaborar uma proposta educativa para as escolas do e no campo, buscando um novo projeto de aprendizagem alicerçado às necessidades populares dos diferentes sujeitos que no espaço rural residem e constroem suas relações.

O fundamental [...] é testemunhar como pai, como professor, como empregador, como empregado, como jornalista, como soldado, cientista, pesquisador ou artista, como mulher, mãe ou filha, pouco importa, o meu respeito à dignidade do outro ou da outra. Ao seu direito de ser em relação ao seu direito de ter. (FREIRE, 2000, p. 55)

É importante reconhecer as especificidades dos sujeitos do campo, quando se refere à necessidade de respeitar o direito, em relação ao gênero, profissões e condições de cada indivíduo, de sua forma de viver, de pensar e de conviver na escola.

Isto reforça a ideia de que o público da escola do campo é formado por pais, mães, trabalhadores, jovens e adultos, e muitas outras relações e situações que exigem a compreensão e o amparo do direito e do respeito. Com isso percebe-se a marca da heterogeneidade deste público nas classes multisseriadas; pois cada aluno carrega uma imensidão de histórias e ideias que se entrelaçam no complexo mundo da sala de aula.

Outra marca forte deste interessante campo são as inúmeras experiências que os alunos têm sua vivência, seus conhecimentos recebidos dos pais, e agora vem junto com a escola, unir ideias e experiências no espaço escolar. Costa (2009, p. 22) confirma que: “Em muitos casos eles estudaram quando crianças durante alguns meses (ou mesmo alguns anos), e tiveram que abandonar a escola por diferentes motivos: porque era longe, porque tinha que trabalhar ou porque os pais não deixavam que eles estudassem”. Por que no campo, é fundamental trabalhar e quando a escola não favorece, ocorre a evasão, outro problema decorrente das classes multisseriadas.

Sobretudo, o papel atribuído pela sociedade à escola do campo, que recebe alunos com diversas personalidades e comportamentos, demanda que esta promova uma educação articulada com a problemática mais ampla da sociedade e suas diferentes práticas, transformar a própria escola em um espaço onde se formem alunos críticos, que pensem, analisem e sejam capazes compreender os processos sociais, fazendo as relações necessárias entre estes e o conteúdo da sala de aula.

É importante formar um sujeito que considere o processo histórico, que analise o contexto social, a partir do que vive que reivindique seus direitos e se organize para concretizá-los. Considera-se que uma postura pedagógica que leve em consideração a reflexão crítica, a interpretação contextualizada e, sobretudo, as múltiplas contradições que dinamizam a realidade escolar, para sujeitos do campo com suas especificidades em conhecimento.

Considerando a visão de Barbosa (2009, p. 37) “estão em primeiro lugar, o trabalho, a família ou situação outra que determina muito de suas decisões, a fazer períodos de interrupções nos estudos”. Isto se refere ao desafio de conciliar trabalho e estudo, pois há a necessidade financeira da família que precisa ser suprida. Vale destacar que o público do campo também trabalha no pesado e entende que os estudos trazem expectativas diferentes e melhores para o futuro.

O aluno do campo precisa conquistar o seu espaço definitivamente e trabalhar de forma efetiva. E a escola deve conquistar o seu público, na perspectiva da busca do direito a ele negado, a proporcionar oportunidades e condições para a formação de cidadãos autônomos e críticos. Costa (2009, p. 23) declara: “que a presença deles nas turmas de EJA e das classes multisseriadas deve ser considerada de forma muito particular”. Isso porque o jovem possui uma cultura própria que o diferencia dos adultos, principalmente nos dias atuais. É a realidade do campo.

Além disso, para que se busque a edificação de políticas públicas que incentivem as instituições de pesquisa e de extensão a implementar projetos conjuntos na sociedade, visando, de forma efetiva, a transferência de tecnologia e a inovação dos processos. Tudo isso para construir um caminho de mão dupla, no qual a sociedade e as instituições aproximam-se, a fim de resolver os problemas conjuntamente da educação do campo.

Sendo assim, a escola é sempre vista como uma ponte para o avanço. É uma porta para alcançar uma vida socioeconômica satisfatória longe do sofrimento do trabalho pesado e do baixo salário. Ainda é presente no público do campo a reflexão a respeito da escola que pode proporcionar a organização da prática do ensino voltado para a diversidade dos sujeitos e a democratização do ensino, onde professores e comunidade escolar passarão a conhecer e compreender as dificuldades e necessidades dos alunos e trabalhar almejando uma escolarização eficaz.

Ademais, Saviani (1999) destaca que para que a escola funcione bem, é necessário que se utilizem métodos de ensino eficazes, por serem eles que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos, no entanto sem abrir mão da iniciativa do professor. O método deve favorecer o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente.

Portanto, a aprendizagem se dá por meio de um processo de interação social entre as pessoas, de todas as culturas e grupos sociais, as quais sempre estarão trocando símbolos socialmente dentro de contextos. Dessa forma, a de cada, passa a desempenhar um papel essencial no processo de apropriação do conhecimento científico. É importante que o professor oportunize momentos para que os alunos falem, escrevam, trabalhem em pequenos grupos, para que ocorra o desenvolvimento e a aprendizagem, mesmo distante os grandes centros urbanos.

Assim, a escola passa à forma dominante de educação o que coincide com a passagem histórica em que as relações sociais passaram a prevalecer sobre as naturais, onde o mundo da cultura, produção humana, tem privilégios sobre o mundo da natureza. Os saberes metódicos, científicos e sistemáticos assumem predominância sobre o saber espontâneo e a escola passa a determinar a educação, aqueles que buscam uma nova oportunidade, que trabalham e vivem no campo e que apostam na educação.

3. DESAFIOS DA DOCÊNCIA EM CLASSES MULTISSERIIDAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: ANÁLISE EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE ITAITUBA- PARÁ.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Rei Davi” na comunidade Monte Moriah Vicinal do Cacau, km 40, tem os Níveis de Ensino até o Ensino Fundamental, funcionando através de multisséries. Construída em madeira, poiso de chão, coberta de telhas brasilit e apenas uma sala multisseriada.

A referida escola iniciou suas atividades em 2004, com quarenta e cinco alunos matriculados; em 2005, com vinte e oito alunos; em 2006 com catorze alunos; e atualmente, existem quarenta e cinco alunos devidamente matriculados.

O corpo docente é formado por duas Licenciadas Pedagogas, um professor de Matemática e um graduado em Letras. Também presta assistência, um conjunto de profissionais que contribuem para a educação escolar na comunidade.

Funciona com três turnos; no Matutino com o Maternal e 1º ao 5º anos; no Vespertino funciona do 6º ao 9º anos e no Noturno, com a 3ª e 4ª etapas de Educação para Jovens e Adultos- EJA, com as regras e normas que direcionam todas as atividades da instituição de ensino, suas Propostas Pedagógicas, Programas e Projetos, a missão de formar cidadãos através de um ensino excelente, instruindo com base de conhecimentos empírico e científico.

A mesma trabalha com valores e a avaliação para que construa um Projeto Político Pedagógico que trabalhe a autonomia e comprometimento no processo educativo, propondo à comunidade escolar uma gestão participativa envolvendo todos no processo de ensino- aprendizagem.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos deste trabalho, que aborda os desafios das classes multisseriadas na educação do campo, consiste em uma pesquisa bibliográfica com teóricos do tema como (BRASIL, 1993); (CALDART, 2002); (FREIRE, 2000); (FREIRE, 2001); (LEITE, 1999); (MANTOAN, 2006), dentre outros

e uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, que visa analisar os desafios da educação multisseriada no campo, no período de Setembro de 2019 na EMEF em Itaituba- Pará. A abordagem qualitativa segue um processo de investigação holístico, indutivo-ideográfico, procura compreender os fenômenos e situações que estuda, ou seja, parte dos problemas reais e do questionamento da prática.

Aplicou-se um questionário para entrevistas relacionadas ao tema, para quatro professores da escola estudada. A referida entrevista, teve o cuidado de deixar os professores falarem naturalmente das suas práticas pedagógicas, estratégias e procedimentos do seu trabalho com relação à afetividade.

Os objetivos intencionados neste trabalho foram: “Analisar os desafios do professor com classes multisseriadas; Identificar as dificuldades e desafios da escola com classes multisseriadas; Verificar a adequação da estrutura escolar para o desenvolvimento integral para as classes multisseriadas; Propor estratégias metodológicas para o ensino- aprendizagem das classes multisséries.

A investigação foi direcionada com as seguintes questões: Quais são as dificuldades de um professor que trabalha com classes multisseriadas? A escola proporciona uma estrutura adequada para as turmas multisséries? Quais metodologias os docentes utilizam para estas classes?

Para tanto, as entrevistas ocorreram através de questionários utilizados para as entrevistas que ocorreram no segundo semestre do Setembro de 2019, considerando que o questionário é uma das metodologias utilizadas para obter informações. É uma técnica aplicada criteriosamente e apresenta confiabilidade.

Segundo Vieira (2011:65) “Os questionários constituem em instrumentos de coleta de dados, especificadamente elaborados com o objetivo de obter respostas para questões que são importantes para o desenvolvimento das pesquisas”. Enfim, para chegar- se aos resultados da investigação, ocorreu a coleta e análise de dados, com suas devidas discussões e comentários, com as propostas contribuintes e a conclusão de todo o trabalho.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para a realização deste trabalho, foram entrevistadas as duas professoras que trabalham na escola. As mesmas têm trinta e seis e quarenta e oito anos

respectivamente, são pedagogas, a primeira é pós-graduada em Psicopedagogia em Educação Especial e a outra é também psicopedagoga. Trabalham na Educação há seis e doze anos, já trabalharam em outras instituições, e trabalham na escola cerca de três e sete anos. Conhecem as dificuldades da comunidade e fazem a diferença na educação.

3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

A Educação do Campo veio com o objetivo de proporcionar uma política educacional voltada para o desenvolvimento rural. O preconceito em relação à população rural pode acontecer pelo fato do campo possuir diferenças culturais, sociais e econômicas à cidade.

A partir dessa problemática, entra em ação o papel do educador do campo, aquele o qual vivencia diariamente essas diferenças, e que por sua vez acaba se tornando uma ponte de ligação entre o campo e a cidade. Uma vez que este o educador possui ou se propõe a obter conhecimentos e vivências do universo rural, este pode transmitir informações contundentes, àqueles que conhecem a realidade do campo, por viver e ter sua cultura consolidada no contexto.

Para enfatizar este trabalho, precisou-se investigar três docentes que trabalham efetivamente na escola, pois os mesmos têm conhecimento de todas as dificuldades e desafios que ocorrem na instituição. Para iniciar, a pergunta sobre os maiores desafios de trabalhar com classes multisseriadas.

Quadro 1- Quais os maiores desafios de trabalhar com classes multisseriadas? **Fonte:** Professores da EMEFI “Rei Davi” em Monte Moriah, Itaituba- Pará/2019.

Professores	RESPOSTA
P1	Um dos maiores desafios é precisar dividir o tempo para todas as séries, para que não prejudique os alunos em classe. OS desafios estão em todos os lugares, pois a educação em si já é um grande desafio; porém, quem está inserido nela, é quem sabe a dimensão de tudo o que se passa, principalmente quem trabalha na área rural, e, escolas do campo.
P2	Há muitas dificuldades, que consistem em desafios. Somente quem está aqui, pode compreender o que se passa e o que precisa-se para uma escolarização e qualidade, em a ausência do poder público é constante e aos professores cabem todas as decisões. Trabalhar com multisséries não é fácil. A vida dos alunos, deve ser considerada, sua cultura e sua realidade deve ser revista pelos professores para que a educação tenha sentido.

De acordo com as entrevistadas, o maior desafio consiste em organizar o tempo letivo, conciliar turmas diferentes em uma sala; já que a própria educação já é um desafio. Também mencionam a ausência do poder público nas escolas do campo, como considerar a realidade dos alunos para que o aprendizado aconteça. Pereira (2002) ressalta que:

A situação contemporânea nas escolas rurais é a seguinte: professores semiquualificados, ou não qualificados; baixos salários para os professores, falta de coordenadores, supervisores, orientadores para os alunos; alunos de diferentes idades e níveis tendo que dividir a mesma sala de aula; construções escolares com uma ou duas salas de aula em condições precárias, falta de material de apoio pedagógico adequado, equipamento inadequado; difícil acesso as escolas, e o não cumprimento da lei que estabelece a educação compulsória para toda a população entre 7 e 14 anos de idade. Sob essas condições fica fácil entender os grandes índices de repetência, evasão escolar, e a discrepância entre a idade e a série cursada pelos alunos, entre outros indicadores [...] (PEREIRA, 2002, p. 39).

Ademais, apesar da conquista dos movimentos sociais, em adquirir uma educação de acordo com a realidade de vida do aluno e do homem do campo, a situação ainda é preocupante e desafiadora. Há sempre uma necessidade em melhorar a infra-estrutura nas escolas rurais, precisa-se planejar as aulas de acordo com a realidade, a cultura e a vida dos alunos.

Na escola multisseriada assim como na seriada, o objetivo principal é conseguir proporcionar ao aluno um conteúdo de qualidade, para que ele tenha um aprendizado satisfatório resultando no desempenho educacional. Porém, a Educação do Campo e a classe multisseriada, possuem peculiaridades especiais, uma vez que educador encontra a dificuldade em trabalhar com séries distintas em um único espaço, além de ter que conseguir adaptar o conteúdo programático a realidade de vida dos alunos de determinada região, o que denota desafios a serem superados.

Também precisa-se valorizar os educadores que se propõem a deslocar-se das zonas urbanas para uma realidade que precisa ser revista e vista com um olhar diferente e empático. São educadores que precisam de apoio e assistência pedagógica, além de aparatos didáticos que aprimorem a condução de suas aulas. Dando continuidade aos estudos, indagou-se sobre os benefícios desta modalidade para os alunos da comunidade.

Quadro 2- As classes multisseriadas trazem benefícios para os alunos? Como? **Fonte:** Professores da EMEFI “Rei Davi” em Monte Moriah, Itaituba- Pará/2019.

Professores	RESPOSTA
P1	Às vezes sim; pois de certa forma os alunos estudam conteúdos de outras séries e às vezes não; pois os educandos não conseguem acompanhar os assuntos.
P2	É a única forma de levar a educação para quem está distante dos centros urbanos. Por isso, traz sim, benefícios; já que mesmo com classes multisseriadas, a adaptação curricular e todas as estratégias dos professores, os alunos concebem conhecimentos, aprendem na medida do possível, sem deixar sua realidade de lado.

De acordo com as respostas obtidas sobre os benefícios da educação com classes multisseriadas, as mesmas relatam que os alunos estudam conteúdos de outras, por isso às vezes há benefícios e outras não; mas também é a única modalidade que dispõe a funcionar para quem está distante dos centros urbanos. Por isso, traz benefícios, com as estratégias, a adaptação curricular, que favorecem a educação considerando a realidade dos alunos.

Sobretudo, Medeiros (2010, p.2) ressalta que a sua estrutura se caracteriza pela “situação em que se reúnem estudantes de várias séries, idades e interesses, na mesma sala de aula e no mesmo horário com apenas um professor ou professora, estabelece o contraste entre essa modalidade de ensino e os marcos instituídos pela legislação educacional vigente”.

A Educação possui impacto em todas as áreas da vida humana. Entende-se que o acesso a uma educação de qualidade pode fazer um enorme bem a todas as pessoas envolvidas no contexto. Aliás, é um direito fundamental que ajuda não só no desenvolvimento de um país, mas também de cada indivíduo. Sua importância vai além do aumento da renda individual ou das chances de se obter um emprego.

Por meio da Educação, garante-se o desenvolvimento social, econômico e cultural. É um direito básico porque assegura o cumprimento de outros direitos e cidadania. Assim, os benefícios consistem em unir o útil ao agradável, e quando trata-se de educação, a adequação para melhor acomodação faz-se necessária. Deve-se proporcionar equilíbrios e também desafios sem nunca deixar de oferecer aos alunos a solução para que possam sentir-se seguros e capazes. Prosseguindo, a questão que da adaptação curricular na escola.

Quadro 3- Os currículos são trabalhados de forma adaptada ou unificada ou separadamente? Justifique sua resposta. **Fonte:** Professores da EMEFI “Rei Davi” em Monte Moriah, Itaituba-Pará/2019.

Professores	RESPOSTA
P1	Na maioria da vezes adaptados, para atender a todas a séries. É a melhor forma de trabalhar na escola do campo.
P2	Sim. Não tem outro jeito, já precisa- de trabalhar com turmas distintas, de forma unificada, em uma sala de aula, com alunos com várias diferenças, realidades, conhecimentos diversos, saberes e educação familiar distintas.

Ao tratar- se da adaptação curricular, na escola ocorre sim, a fim de atender a todas as séries, que estão juntas em um mesmo espaço. E que não há outra forma mais eficiente para trabalhar turmas com suas especificidades que diferem de outros grupos que estão inseridos em sala de aula de forma multisseriadas. Hage (2010) ressalta que, condizente ao processo pedagógico e sua condução:

[...] os professores se sentem angustiados quando assumem a visão de multissérie e tem a elaborar tantos planos e estratégias de ensino e avaliação diferenciados quanto forem as séries reunida na turma; ação esta fortalecida pelas Secretarias de Educação quando definem encaminhamentos pedagógicos e administrativos padronizados. (HAGE, 2010, p.04)

Desta maneira, elaborar um planejamento para classes multisseriadas, exige muito da escola, em especial do coordenador, mais ainda do professor, que conduz e ministra as aulas. Este profissional é quem lida diretamente com os alunos; e conhece todas as necessidades, personalidades e comportamentos e especialmente o que se precisa saber sobre estes.

O interesse pela realidade do campo às vezes não é muito importante para as pessoas que vivem no meio urbano, e a falta de informação leva a ideia de que o campo é uma região atrasada, sem infraestrutura e condições adequadas de vida.

Todavia, é preciso atentar-se para as necessidades dos educandos, a elaboração das atividades as quais se destinam a eles, diversificando-as na perspectiva em atender a todos, em meio as suas idades, conhecimentos e séries distintas.

Desta forma, torna-se importante ressaltar que, todo professor responsável pelas classes multisseriadas, devem se preocupar minuciosamente na seleção dos conteúdos que serão ministrados, consistindo assim, uma grande responsabilidade ao objetivar o ensino aprendido. Continuando a investigação, a pergunta sobre as metodologias utilizadas pelos professores.

Quadro 4- Que metodologias são utilizadas no trabalho docente? **Fonte:** Professores da EMEFI “Rei Davi” em Monte Moriah, Itaituba- Pará/2019.

Professores	RESPOSTA
P1	São várias as estratégias, pois trabalha-se com alunos com diversidades em vários aspectos. Assim é mais viável dividir os alunos por séries; outras vezes, adaptando os conteúdos e em muitas, fazendo socialização em uma roda de conversa dependendo da disciplina.
P2	Trabalho com explicações para todos, dividindo a turma para conversas, apresentando fatos através de jornais lidos por eles, através de notícias de televisão, mesmo em horário reduzido, trabalhos de grupo na classe. Uso de livros, leituras e compreensão e interpretação.

As metodologias são as bases para o aprendizado profundo e efetivo, pois são estas que promovem e desenvolvem os mecanismos cognitivos que facilitam a construção do conhecimento, a retenção de informações na memória de longo prazo e o acesso e utilização delas para compreender fenômenos e resolver problemas de todos os tipos, através do raciocínio.

O desencadeamento desses mecanismos que ocorrem através das metodologias, depende dos elementos presentes no processo de aprendizagem, como a contextualização do conhecimento teórico e sua relação com a prática; a conexão entre novas informações e o conhecimento já adquirido, que o aluno traz de sua vivência com outros grupos sociais; a colaboração e o trabalho em grupo entre os alunos.

Ademais, a responsabilidade da aprendizagem, fica também ligada ao aluno, àquilo que é mais significativo para ele, e deve ser facilitada pelo professor. Portanto, o processo de ensino depende da capacidade individual de cada professor, de sua aceitação e compreensão e do relacionamento com seus alunos, considerando as condições históricas na qual está inserido, produzindo um determinado conhecimento, com uma realidade sem contradições.

Assim, pode-se pensar nas reformas educativas a partir da aprendizagem do aluno e do seu desenvolvimento intelectual, social, cultural. Deve-se rever que a educação é dinâmica e por isso, deve preparar o sujeito para a vida. E esse preparar para a vida requer uma construção educacional fundamentada no respeito, contextualização de uma realidade peculiar e que precisa potencializar o que o indivíduo tem de melhor.

A escola continua sendo como sendo um lugar de transformação; e isto sempre foi defendido por Freire (2003):

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os de classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (Freire, 1979, p.30).

É importante que se compreenda que ensinar exige a aplicação de métodos, pois o verdadeiro ensinar ocorre quando no âmbito educacional se partilha com o outro, ou com um grupo, experiências e saberes acumulados. E, para que isto aconteça, é necessária à observação de técnicas, formas diferenciadas de ensinar e avaliar o aluno.

Atualmente, no mundo globalizado exige-se profissionais capacitados e multifuncionais que possuam fluência verbal, comuniquem-se bem, tenham poder de persuasão, defendam ideias e direitos. Assim, a escola deve ultrapassar os aspectos teóricos e penetrar no âmbito da prática cotidiana, ampliando os conhecimentos e abrindo um novo universo de significados aos educandos que precisam de novidades.

Desta maneira, a realidade com esses contornos e mudanças sociais profundas, conduz a sociedade para o desejo de uma escola diferente, facilitadora, interlocutora do educando e do meio social, uma escola que promova a integração e a inserção do educando num ambiente produtivo, de ação e prevenção social, evitando desta maneira a marginalidade e o crescimento da massa de excluídos, e uma realidade massacrada.

Assim, há principalmente a questão do ambiente de aprendizagem em que o aluno é ativo; e na escola, deve ser dinâmico. Dando continuidade à pesquisa, a questão que trata da contribuição dos pais para a educação dos filhos.

Quadro 5- Os Pais contribuem com a educação escolar dos filhos? Fale sobre. **Fonte:** Professores da EMEFI “Rei Davi” em Monte Moriah, Itaituba- Pará/2019.

Professores	RESPOSTA
P1	Na maioria das vezes os pai não contribuem; às vezes pelo tempo e outras vezes por serem pais analfabetos e por morarem distante da escola. Mas são estes que devem educar seus filhos. A verdadeira educação vem da família e eles não atentam pra isso.
P2	Difícilmente os pais contribuem. Por conta de trabalhos, por não terem condições de ajudar mesmo, por deixarem os filhos só na responsabilidade dois professores e somente comparecem quando é pra receberem as notas.

Ao serem interrogadas sobre a contribuição dos pais na educação escolar dos filhos, as entrevistadas responderam que em grande maioria e dificilmente os pais não contribuem, por serem analfabetos e por residirem distante da escola. E que a verdadeira educação vem do ambiente familiar. Também informaram que por conta do trabalho, que só comparecem à escola quando trata-se de notas e avaliações.

Assim, compreende-se que ao entrar na escola, a criança traz consigo experiências adquiridas no convívio que lhe permitirão formar uma determinada visão sobre si, o que significa uma ampliação no âmbito de relações. Na escola a criança conhecerá outras de sua idade, com as quais deverá compartilhar uma parte de suas experiências, além de estabelecer relações com adultos que não pertencem a sua família que são os professores e demais colaboradores da educação.

De acordo com a pesquisa, constata-se que o processo de escolarização pressupõe a abertura dos pais à educação formal, levando em conta a importância desse conteúdo para o desenvolvimento dos filhos. Mas não se trata de um processo qualquer.

Através desta ótica, até certo ponto é estritamente dos pais; depois é responsabilidade da escola. Pelo contrário, quando a criança adentra à realidade escolar, é com base nos valores familiares que ela se relaciona com esse novo contexto. Por isso, ressalta-se a necessidade de que os pais estejam presentes na educação de seus filhos.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva pois muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p.50)

Ademais, quando os pais estão presentes e acompanham o crescimento educacional dos filhos dia a dia, suas habilidades sociais aumentam e a chance de problemas comportamentais diminui. Quanto maior o envolvimento dos pais nas experiências escolares das crianças, eles estarão com mais facilidade de fazer amigos. Participar envolve conversar sobre a escola, visitar o local, se envolver com as lições e os trabalhos e incentivar o progresso educacional em casa. Tudo isso pode contribuir para suas habilidades sociais. Isso porque a participação familiar na

vida escolar dos filhos leva-os, entre outras coisas, à demonstração de um maior autocontrole e à manifestação de um comportamento cooperativo e social.

Por isso, é importante saber que essa relação de presença na educação dos filhos está para além da relação com a escola. É uma relação com o conhecimento, com a ação de ser educado, aprender, conhecer. Os pais que conseguem, mesmo em meio a tantos compromissos, demonstrar a importância do processo educativo para os filhos, já estão contribuindo significativamente para o desenvolvimento deste. Continuando, a indagação sobre a assistência Técnica – Pedagógica oferecida na escola.

Quadro 6- Que tipos de assistência Técnica- Pedagógica são oferecidas na escola?

Fonte: Professores da EMEFI “Rei Davi” em Monte Moriah, Itaituba- Pará/2019.

Professores	RESPOSTA
P1	Por causa da distância e o difícil acesso, quase não temos assistência técnica pelas dificuldades em chegar- se à escola; Mas sempre que possível, recebemos a visita da coordenadora e da equipe técnica da secretaria de educação.
P2	Devido o acesso, são raras as vezes que temos essa assistência. Pois a responsabilidade é apenas dos professores para apresentarem provas de trabalhos realizados na escola.

Quanto à assistência técnica na escola, as docentes afirmaram que não há este tipo de ajuda, devido a distância de chegar- se à escola e isto ocorre na medida do possível. Assim, os professores são responsáveis por todos os registros como prova de trabalho realizado.

O comprometimento com a construção do indivíduo para o exercício da cidadania é a premissa máxima do trabalho do orientador educacional e da assistência técnica educacional. Assim, além do compromisso com o conteúdo escolar e com o ensino-aprendizagem, é preciso estar comprometido com a individualidade de cada aluno, oferecendo uma educação que se preocupe com a formação intelectual, crítica, sócio- afetiva e moral desse cidadão.

A equipe técnica, com a orientação educacional refere-se à assistência dada ao educando a fim de oportunizar seu pleno desenvolvimento, mediando a relação entre o ambiente escolar, a família e a comunidade. Ao professor, o direcionamento de uma educação que promova o bem estar e o aprendizado do aluno.

É uma orientação necessária, com profissionais da educação qualificados, prevê ações planejadas que integrem alunos, professores, direção, currículo escolar

e comunidade a fim de promover, de forma humanizada, o desenvolvimento físico, pessoal, intelectual e moral do discente. Faz-se necessária, mesmo que bem distante da escola, pois significa um direcionamento mais eficiente para uma educação eficaz. Finalmente, solicitou-se o perfil do aluno que estuda no campo em classes multisseriadas.

Quadro 7- Trace o perfil do aluno do campo que estuda em turmas multisseriadas. **Fonte:** Professores da EMEFI “Rei Davi” em Monte Moriah, Itaituba- Pará/2019.

Professores	RESPOSTA
P1	O aluno que estuda em classe multisseriadas, se torna um pouco atrasado pela falta de tempo e de materiais, pelo fato de tempo, de materiais pedagógicos adequados para cada série. Mas apesar das dificuldades, são alunos esforçados e com grandes responsabilidades nos estudos, com força de vontade e aprender, tornando-se assim, mais fácil o trabalho do professor.
P2	O aluno do campo, estuda junto com outros, com séries, idades, conhecimentos e aprendizados diferentes. São alunos trabalhadores que ajudam os pais nos trabalhos que o campo proporciona, são aqueles, que tem seus costumes e sua cultura diferentes, estão sempre longe dos grandes centros urbanos, sem o acesso constante de tecnologias, apenas com televisão por tempo reduzido e aquele que cultiva as brincadeiras tradicionais, que tem os valores morais impostas pela família e que tem sua vida própria. Assim mesmos, buscam uma vida melhor através da educação que lhes oferecem. Afinal, todas as escolas do campo recebem alunos com essas características, diferenciando dos demais das cidades. É um aluno com outra realidade.

Ao solicitar o perfil do aluno do campo, as investigadas responderam que trata-se de alunos que estudam juntos com os outros, que estão atrasados pela falta de tempo, de materiais escolares. Porém, são alunos trabalhadores que ajudam os pais em seus trabalhos, esforçados, com força de vontade, que têm seus costumes, sua vida, cultura. Vivem distantes das tecnologias mais sofisticadas, com acessibilidade apenas à televisão em momentos especiais e reduzidos. São alunos que ainda utilizam brincadeiras simples e tradicionais, de forma natural, que têm seus valores familiares e buscam uma educação para seu crescimento integral.

Na verdade, a realidade humana e social do aluno do campo reduz-se às montanhas, rios, árvores, casas entre outros elementos. Embora se tenha a tendência em acreditar que esta vida é composta de objetos inanimados, enfatiza-se que ela é essencialmente humana, surge para o homem e com o homem. A ação que o homem realiza consiste na interação que ocorre entre o sujeito e o meio, o sujeito com os outros homens, e que envolve relações com o meio físico, material, espiritual, político, social, cultural, profissional.

Dessa forma, Medeiros (2010, p.2) ressalta que o perfil desses alunos, consiste na “situação em que se reúnem estudantes de várias séries, idades e interesses, na mesma sala de aula e no mesmo horário com apenas um professor ou professora, e estabelece o contraste entre essa modalidade de ensino e os marcos instituídos pela legislação educacional vigente”.

De acordo com o citado, percebe-se que o aluno do campo que estuda em classe multisseriada, reúne uma série de características; mas mesmo assim, está sob os rigores da legislação, com as mesmas cobranças dos ensinos normais, os mesmos currículos, mesmo que adaptados, com disparidades em conhecimentos, séries e com objetivos diferenciados; já que estão inseridos em uma realidade onde a globalização está presente; porém, os subsídios multimídias estão presentes mesmo de maneira escassa.

O campo ou meio rural por sua vez possui uma realidade diferente da que existe na cidade, e se faz necessário que os conteúdos programáticos aplicados na escola do campo sejam condizentes a essa realidade, tendo uma relação direta com o cotidiano daquela região. Isso implica em um desafio para o educador, uma vez que se exige consciência do seu papel de mediador na sociedade, mostrando a importância do homem do campo na contribuição para a transformação da realidade social.

Portanto, são sujeitos que almejam a educação escolarizada para uma vida futura promissora, objetivando um espaço na sociedade, com um trabalho digno de um ser humano que frequentou uma escola e obteve conhecimentos adequados com o que a sociedade exige.

3.5 PROPOSTAS DE INTERVENIÊNCIAS

Compreende-se, que há outras metodologias mais enriquecedoras para o processo de aprendizagem em sala de aula, nas quais professor torna-se um mediador da experiência de construção do conhecimento. Inúmeras são as vantagens dessas novas configurações do modelo de ensino, que tornam a sala de aula atrativa e dinâmica, além de desenvolver alunos mais autônomos com socialização e interação, além de dinâmicos.

Desta forma, um aluno que possui autonomia, torna-se um indivíduo pró ativo, capaz de resolver mais facilmente os problemas, dentro e fora do contexto

educacional, e aprende a ser crítico quanto ao modo de se pensar e produzir. Apesar de o modelo tradicional ser, aparentemente, mais cômodo para o educador, estratégias muito simples no cotidiano educacional podem modificar a rotina e a qualidade do aprendizado nas escolas. São estas, as estratégias que tornam as aulas mais atraentes, fascinantes e especialmente motivadoras, principalmente quando trata-se da educação no campo.

Portanto, de acordo com a investigação realizada na EMEF Rei Davi, em Setembro de 2019, foi preciso sugerir algumas propostas de contribuição para que o ensino na educação do campo torne-se mais eficaz, produtiva e que facilite o trabalho, especialmente dos docentes, que consistem em:

- 1- Trabalhar de forma coletiva;
- 2- Elaborar oficinas pedagógicas que trabalhem recursos pedagógicos para facilitar as atividades letivas;
- 3- Promover atividades cívicas e sociais para a inserção dos pais na escola.
- 4- Utilizar-se de metodologias diversificadas para dinamizar as aulas.
- 5- Debater sobre leituras sugeridas, com compreensão e interpretação.

Assim, a escola deve ser um espaço acolhedor, que valorize e procure aumentar os níveis de criticidade e autonomia dos alunos. Para isso, renovar as estratégias e inovar, são passos necessários na prática pedagógica dos docentes.

Ademais, deve-se considerar que a problemática das classes multisseriadas faz parte da realidade educacional brasileira, consistindo em dificuldades e desafios para os professores e alunos. Sabe-se ainda que, para acontecer um avanço significativo na escola neste contexto, os investimentos são fundamentais com formação continuada e investimentos nas questões estruturais e pedagógicas, para que assim, os alunos possam conceber conhecimentos com mais dignidade, e receber o que lhe é de direito como cidadão.

CONCLUSÃO

Ao realizar este presente trabalho que objetivou analisar os desafios da docência em uma escola pública de Itaituba- Pará, cujo estudo ocorreu através de uma pesquisa bibliográfica e de campo em Setembro de 2019, verificou-se que os benefícios das classes multisseriadas consistem em formar o aluno, mesmo que de forma diferenciada, considerando suas especificidades, primando a socialização e interação entre os mesmos.

Os desafios de trabalhar esta modalidade nas escolas rurais, do campo, estão entre desenvolver a educação integral com classes multisseriadas, ausência do poder público e adaptação curricular, já que há dificuldades em trabalhar-se com classes diferentes, com realidades, séries e conhecimentos diferenciados em um mesmo contexto.

Percebeu-se que a adaptação curricular é trabalhada de forma unificada, pois as turmas estão juntas e por isso, o tempo é insuficiente para trabalhar todos os conteúdos separadamente e o professor deve valer-se de estratégias para desenvolver seu trabalho com eficiência.

As metodologias utilizadas pelos professores consistem em trabalhos diversos, como conversas, exploração de jornais e notícias para desenvolver algumas habilidades, uso do livro didático, considerando a realidade do próprio aluno.

Os pais pouco contribuem para a educação dos filhos, por desconhecimento ou por ocupação de seus trabalhos e só comparecem para resultados de avaliações. A assistência técnica educativa é rara, devido a distância e o acesso, ficando apenas nas mãos do professor toda a responsabilidade; só acontece quando há facilidades e necessidades de fazer algum trabalho ou verificar de perto o trabalho já desenvolvido pelos docentes.

Ao tratar-se do perfil dos alunos do campo percebe-se através da investigação, que os alunos vivem em um ambiente distante das cidades, com cultura e costumes diferentes, são trabalhadores em horários que não estudam, vivem distantes das grandes tecnologias; são alunos que precisam da educação como outros que vivem nos centros urbanos, com suas tradições e jeito simples de viver.

Desta forma, averiguou-se que a educação oferecida na escola, não difere de outras localizadas neste contexto rural pelas mesmas metas a serem alcançadas, com suas necessidades e características próprias, estando estritamente nas mãos dos professores toda e qualquer mudança no currículo para melhor trabalhar os conhecimentos sistematizados, com uma clientela que precisa da educação para seu futuro.

Portanto, entende-se que se torna imprescindível ao profissional da educação refletir nas e sobre suas ações, criticando, elaborando e reelaborando novos conhecimentos, superando as barreiras que encontram-se na sala de aula, no contexto rural, na escola campesina e que precisa ser revista com outro olhar diferenciado. E que torne o conhecimento como resultado de uma experiência vivida no coletivo dos profissionais que atuam nesta esfera fundamental da sociedade que é chamada de escola no campo.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Janete M. Lins de. **Educação como política pública**. Campinas: Autores Associados, 1997.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Imagens quebradas**. Petrópolis: Vozes, 2004, p.23.
- BRANDÃO, Z. **Entre questionários e entrevistas**. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs.). **Família & escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BRASIL. **Plano Decenal de Educação para Todos**. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília, DF, 1993.
- BRASIL. Presidência da República. Lei nº 12.960, de 27 de Março de 2014. **Altera a Lei no 9.394/ 1996, para fazer constar a exigência de manifestação de órgão normativo do sistema de ensino para o fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas**. 1996.
- BRASIL. **LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996
- BRASIL. **Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais**. Coordenação geral: SEESP/MEC; Organização: Maria Salete Fábio Aranha. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Especial, 2003.
- BRASIL, MEC. **Educação do Campo: diferença mudando paradigmas**. Cadernos Secad 2, Brasília, DF. Março de 2007
- BARBOSA, M. J. (2009). **Reflexões de educadoras/es e educandas/os sobre a evasão na escolarização de jovens e adultos**. In M. A. da Aguiar (org.), J. Paiva; M. J. Barbosa & W. B. Ferreira. **A educação de jovens e adultos: o que dizem as pesquisas** (pp. 37-74).
- BELTRAME, Sônia Aparecida Branco. **MST, professores e professoras: sujeitos em movimento**. São Paulo: USP, 2000. Tese (Doutorado em Educação).
- CNE/CEB. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Resolução CNE/CEB n. 1, de 3 de Abril de 2002.
- CALDART, R. S. **Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção**. In: **Educação do campo: identidade e políticas públicas** – Caderno 4. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação Do Campo” 2002.
- COSTA, Renato Pontes; TAMAROZZI, Edna. **Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.

COSTA, Luciéllo Marinho da. **A construção do Projeto Político-Pedagógico da Escola Municipal Tiradentes/Mari-PB: desafios e possibilidades para a educação do campo.** Dissertação de mestrado. UFPB. 2010.

DROUET, Ruth Caribé da Rocha. **Distúrbios da aprendizagem.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira.** São Paulo: IPF, Ed. Cortez, 2001.

FREITAS, L.C. **A escola única do trabalho: explorando os caminhos de sua construção.** In: CALDART, R.S. (Org.). **Caminhos para a transformação da escola: reflexões desde práticas da Licenciatura em Educação do Campo.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FREITAS, L.C. **Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 35, n. 129, p. 1085-1114, out.-dez. 2014.

HADJI, Charles. **Avaliação Desmistificada.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

HAGE, Salomão; BARROS, Oscar. **Currículo e Educação do Campo na Amazônia: referências para o debate sobre a multisseriação na escola do campo.** Espaço do Currículo, v.3, n.1, pp.348-362, mar.2010 a set.2010. Disponível em: <http://php/rec/issue/view/785>. Acesso em: 22 jun. 2017.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais.** São Paulo: Cortez, 1999.

MANTOAN, Maria Tereza E. **Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão.** Porto Alegre: EDIPUCR, 2006.

MEDEIROS, Maria Diva de. **A escola rural e o desafio da docência em salas multisseriadas: o caso do Seridó northeriograndense.** Dissertação (Mestrado Acadêmico). Programa de Pósgraduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2010.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Educação do Campo.** Curitiba/PR, 2010.

PEREIRA, Roberval Eloy. **A consolidação de escolas unidocentes como política de educação para a zona rural do estado do Paraná**. São Paulo: Annablume/Fundação Araucária, 2002.

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

PRONERA: **Construindo o respeito pela educação campesina**. (w.alasru.org/20GT acessado em 12 de Março,. 2019 18:35) Unicamp, 2001.

SÁ, Elizabeth Dias de. **Adaptações Curriculares: diretrizes nacionais para a educação especial**. Disponível em <http://www.bancodeescola.com/verbete5.htm> Acesso 3 Agosto/ 2019.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez Editora, 32ª edição, 1999.

SILVA, Maria do Socorro. **Educação Básica do campo: organização pedagógica das escolas do meio rural**. In: _____. (org.). **Movimentos Sociais, Estado e Políticas Públicas de Educação do Campo: pesquisas e práticas educativas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

XIMENES-ROCHA, S. H.; COLARES, M.L.I.S. **A organização do espaço e do tempo escolar em classes multisseriadas. Na contramão da legislação**. Revista HISTEDBR On-line, v. 13, 2013, pp. 90-98-312.

APÊNDICES



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

Este questionário integra o Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia da faculdade de Itaituba- Pará, intitulado "Desafios da Docência em Classes Multisseriadas na Educação do Campo".

QUESTIONÁRIOS PARA O PROFESSOR

*Identificação: Sexo: _____ Idade: _____

*Escolaridade- Graduação: _____

*Pós- Graduação: _____

*Tempo de trabalho na educação: _____

*Tempo de trabalho nesta escola: _____

*Já trabalhou em outra instituição: _____

1- Quais os maiores desafios de trabalhar com classes multisseriadas?

2- As classes multisseriadas trazem benefícios para os alunos? Como?

3- Os currículos são trabalhados de forma adaptada ou unificada ou separadamente? Justifique sua resposta.

4- Que metodologias são utilizadas nos trabalhos docentes?

5- Os Pais contribuem com a educação escolar dos filhos? Fale sobre.

6- Que tipos de assistência Técnica- Pedagógica são oferecidas na escola?

7- Trace o perfil do aluno do campo que estuda em turmas multisseriadas.

Obrigada!